

O ATHENEIO

PERIODICO MENSAL, SCIENTIFICO E LITTERARIO

PRIMEIRO ANNO

31 de Outubro de 1859

N.º 1



SUMARIO

Introdução, por J. C. Vieira de Castro.

Philosopho de trapeira, romance, por Camillo Castello Branco.

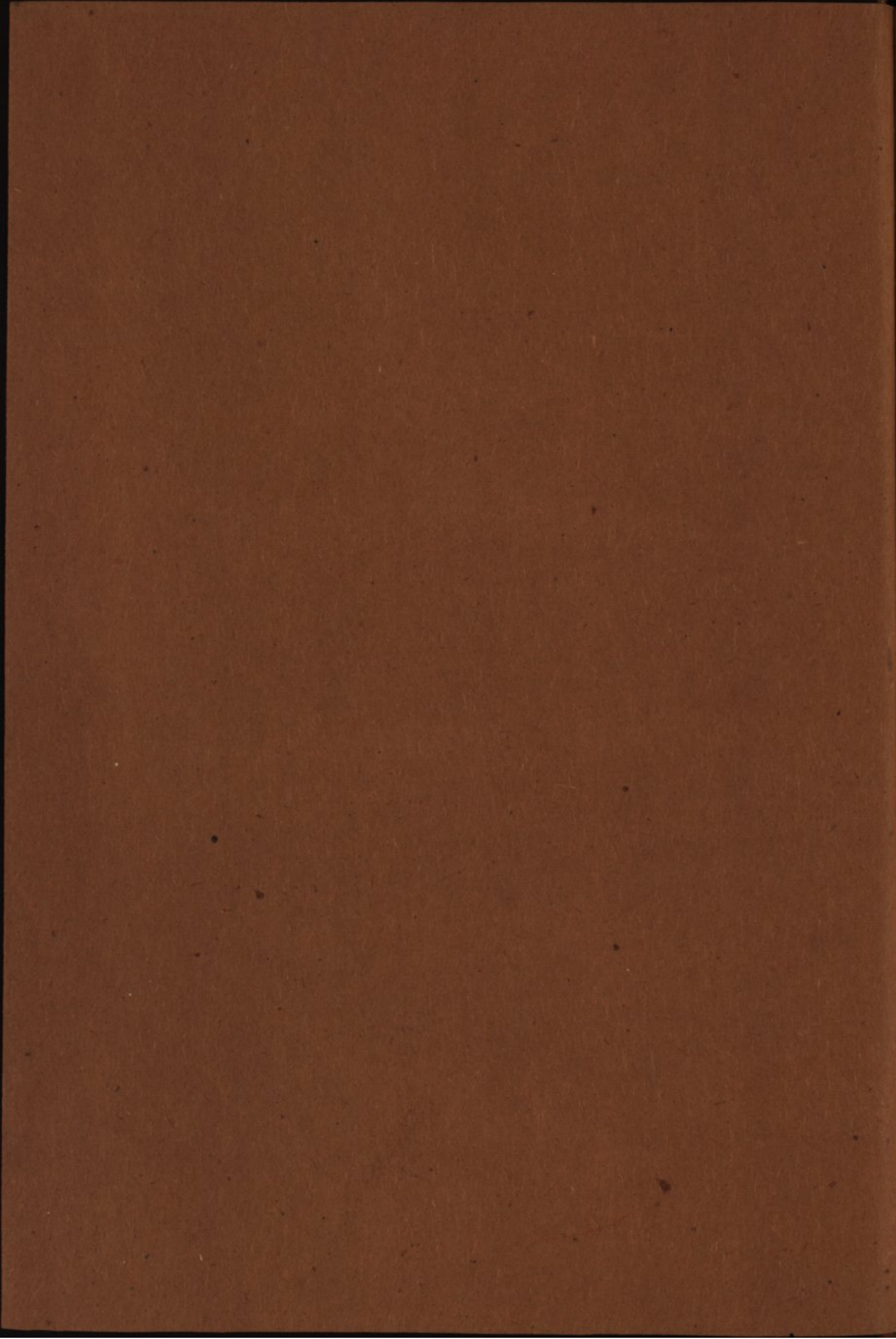
Idéias ao acaso, por A. Victorino da Motta.

Um curto proemio, por J. C. Vieira de Castro.

Poesia offerecida á Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. M.

C. D. B. N. por João de Deus.

Chronica, por A. Victorino da Motta.



INTRODUÇÃO



aventureiros de publicações litterarias em Coimbra commettem um hardimento, pelo menos tão digno de acarear benevolencias como o lidado afogo do botânico em levedar por estiradas sestas de calmoso estio, revendo suores, terrenos asmos, que elle anticipadamente destina ás condimentosas sementes de mais peritos amadores.

Espero me não acoimem de epithetos affrontosos a comparação, que será tudo menos falsa.

Não se afadigaram criticos praguentos de me bramir ao ouvido, que o progresso n'esta boa terra das sciencias era uma ideia negativa.

Descri-os ao principio.

Hoje remunerero-lhes o seu enthusiasmado afan com a innocente e ingenua confissão de que se internou alfim no meu espirito, arrependido e melhor alumiado, a verdade da sua substancial e substanciosa doutrina.

Eugène Pelletan, que aqui viesse a contender com Eugène Huzar as premissas das suas theorias oppostas aos dogmas relhos d'aquelle pessimista, que traduzia a bemaventurança terreal n'um prato de batatas comido debaixo de um tecto de colmo, esse mesmo chegaria a duvidar de si proprio; e se lhe mostrassem uma velha

e amezinhada papeleta, que por ahi anda com um rotulo immodesto, rima de uma palavra obscena, o primeiro escriptor d'este seculo fugia corrido por essas ruas fóra, e antes de embicar para o alto das calçadas, é muito de presumir que se houvesse já abdicado das suas formosas convicções.

Estou entrado d'estas ideias, e não me levem em mal a maneira desenganada por que as digo.

Provado e evidenciado até que na solidariedade d'esta culpa vem diminutissima a parte dos novos, sendo que a tibieza d'estes é apenas um reflexo contagioso da decrepidez dos velhos, não ha boa fé que se afoute a crear argucias contra essas verdades palpaveis que desgraçadamente por ahi avultam aos olhos de todos.

D'onde virá, porém, este quietismo inglorio, esta inedia do espirito e da intelligencia, este torpe rachitismo moral?

—Em toda a parte a mulher nasce para aplanar de lirios e rosas a trilha amargosa que o homem ha de pisar nas agruras d'este longo peregrinar da vida. É gloriosissima e santa a sua missão, porque a ella cumpre anteparal-o á orla dos abysmos d'este mundo; porque é ella quem tem de desbravar-lhe o terreno, espinhado de abrolhos, com affectos de santa ternura; porque é ella ainda a que ha de encostar sobre o seu regaço a cabeça avexada nas luctas de um pensamento inquieto, conciliar com brandas meiguices o somno d'aquella alma agitada, e depois desavincar-lhe da frente as rugas que lá se mearam os tumultos de uma dúvida tenaz.

Mulher, que se transvie por outras sendas, suja em lôdo os arminhos da castidade, que os anjós, delegados da Providencia, lhe vieram depôr no berço ao arraiar da sua existencia, e que mais tarde, no dia das contas finaes, lhe serão revocados quando a balança de Deus pesar os seus feitos d'esta vida de transicção.

Homem desgraçado que erra por calvarios, aonde o espirito das servas infieis se deixou tombar em terra, polluido no lixo de tão depravados intentos, veio ao mundo aprender um Gethsemani de agonias infernaes, e acordou no berço para se vêr cingir, junctamente com as primeiras faxas, dos cilicios de uma penitencia eterna.

Verdades estas que não imbuíram ainda na consciencia lorda das mulheres d'aqui.

As filhas do Mondego, essas que eu conheço, e que, sem dúvida alguma, eram incapazes de memorarem, chorando, a morte de ninguém, como consta das suas avós mais dadas a lamurias, se, a cabo de cinco annos de uma porfiada educação, não saem cosineiras immundas por terem nascido em plana mais alta do que isso que se chama por ahi esteira do povo, então de duas uma: ou a cousa é um Cicero-femea capaz de paralisar n'um grito de eloquencia desgrenhada a tendeira que mora defronte, ou o glorioso parto desangra dos intestinos maternas uma menina de feições aparradas e penetração serda, búle-bule fecundissima de visagens picarescas nas insomnias dos seus amúos agastadiços, affrontada de enthusiasmo quando tosse ao constipado cravo alguma contradança a que o pae, menos meticuloso em nomenclatura musical, chama *polka*; febricitante de arroubamentos buliçosos no desvanecido e languescente rechar dos versos da joven Lilia; e, finalmente, anjo de candura libidinosa e incitativa se vem mostrar-vos os meninos que o mestre de desenho, á terceira lição, lhe ensinou a fazer com o facil adjutorio do seu atilamento precoce.

Junctai a tudo isto a habilidade miraculosa com que este delambido alfenim, posto n'um salão, desbanca em impetos nervosos de uma oratoria biliosa os recursos de um surdo-mudo, que lhe ponham ao pé, e tendes a traducção carnal e tangivel dos mais pudicos sonhos incubados ha perto de tresentos e oitenta e cinco annos na phantasia presciente de Tiziano.

Se podéres, leitor, magnetisa-a um dia com o talisman de uma amabilidade tediosa e semsabor (sem estes predicados não te logras do conselho) e insufflas a vida inebriativa do espirito na Venus pudica de Praxiteles, quando aquella fôr de marmore, na Sapho de Pradier, se o artista a fez de lona.

É verdade que ás vezes, se a interrogares, póde succeder que te não responda nada, mas o enthusiasmo principia a baldear-lhe em cachões nas sobranceiras mechediças e, á guiza de Jupiter *cuncta supercilio moventis*, verás como a previdente pombinha diz em phra-

ses gesticuladas o que a bocca talvez não podéra dizer em phrases grammaticaes.

Este gracioso pimpolho de beatitudes seraphicas, que muitas vezes «menina e moça é levada de casa de seus paes» para se immortalisar depois nas desgarradas de algum Bernardim de tamanhos, se um dia desperta affectado de um schirro não se apeia do seu orgulho silencioso para vir pedir coito ás pharmacias de Harvey ou Hanhemann.

Segreda-lhe o instincto sovina, que o curativo emolliente e anodino do tumor pifio póde dal-o exuberantemente a massa calmante que tem de casa.

Dizem que isto assim que é melhor. Que o coração fragil está menos sujeito a enganos, e que o pudor recatado das donzellas não vacilla tão facilmente ás insidiosas fallas da juventude retrincada e enganadora. Será. Eu de mim curvo-me com devota humildade ao recalctrar da primeira velha, de santidade e virtudes hypotheticas, que, por não ter que fazer, se lembre de repetir-me com pevidoso entôno essas momentosas e ponderaveis considerações; de longe me affiz a catar com respeitosa subjeição as chorumentas missões de uma religiosa ordem de santinhas, que, por invulneraveis no reducto de suas esmoucadas bellas, se vão resignando o melhor que podem aos crús e duros rigores de uma continencia obrigada; a qual, espero, lhes acareará da posteridade agradecida a mesma canonisação que outros de epochas mais temporãs levaram aos sarcophagos d'aquellas doze beatas de tão lamentavel memoria, que o casto *Jean de Leide* affincou, ajustou e avassalou com as ciliciosas austeridades da sua incomportavel temperança; no emtanto é de confessar-lhes, minhas respeitaveis senhoras, que me não reduzem d'esta feita ao intento de ir ámanhã recommendar este novo eden de Astreia ás mulheres que eu lá por fóra deparar impollutas d'aquellas maculas, que affeiam a consciencia do que uma vez, por descuido ou tendencias, cerrou olhos e ouvidos á luz e á verdade.

Eu tenho por ahi visto algumas Evas, menos obedientes e ajustadas aos preceitos do Senhor, com demasia de estófo para darem

um dia aos seus felizes contemporaneos originaes satisfactoriamente condignos e de não somenos valia que o d'essa decantada heroína de Mileto, filha, dizem, d'um tal Axiochus, e recommendaveis ambos, pae e filha, pela edificante moralidade, cujo exemplo foram.

Aspasia se chamava a tal mulher. O que se escreve muito de proposito n'um periodo especial para livrar de perguntas indiscretas a atrapalhada erudição de algum fauno da Calçada.

Não rastrêem pico de ironia sediça n'isso que ahi fica dito em candidissima intenção. N'este logar acatam-se devidamente as paixões da humanidade, e sobre todas as dos bustos de balcão, que ora se discutem. E se um conselho póde ser de prova irrefragavel ao asserto, com que tentamos escoimar-nos de suspeitas daminhas, lembramos aos marechaes de covado dois versos que não vêm no *Carlos Magno*, nem são da lavra da *Filha amaldiçoada* (a), e que podem servir-lhes de mago conjuro quando invejosos ousarem apodar-lhes com satyras contumeliosas o *tenro* objecto dos seus queridos affectos. N'esse momento exorcismem todos o espirito máu, dizendo cada um por seu turno:

O Rei dos animaes não se envergonha
De arrastar os grilhões, que Amor lhe lança.

Dizei-o com a consciencia que isto vos merece, e estou certo que as vossas *Natercias* de greda, ao escutarem-vos, responderão com outros dois, que dizem d'esta maneira:

«Se Adonis era assim, não te envergonhes
De adorar um mortal, ó Paphia Deusa.»

Volto-me á interrompida palestra em que estavamos. Vinha eu a dizer, minhas senhoras, que as quero para tudo menos para vestaes de virgens, cujo espirito se alumia e se aquece ainda, nos remansos da sua quietação serena, ao sacro fogo de uma crença purissima.

(a) Tragedia em 7 actos, e um epilogo, ahi escripta ha annos, segundo reza a coisa, pelo sobrinho do auctor, approvada pela *Censura* de Condeixa, e representada com applauso no theatro de Alpedrinha.

Agora seriedade.

Esta será a resposta áquellas tres perguntas acima escriptas? Eu penso que é. Dispam o homem d'aquelles affectos sanctos que hontem o inebriavam ainda, desatando-lhe o espirito das mundanidades terrenas para lh'o erguerem até ao infinito dos céus; roubem-lhe a mãe, em cujos seios, sempre arquejantes de estremecido amor, elle ia depositar, como em cadinho sagrado, as lagrimas das suas maguas calcinantes; tirem-lhe tambem a amiga, cujas caricias e beijos lhe estancavam os threnos plangentes das suas magoadas confidencias; insulem-no completamente de tudo isto que a alma pede, porque a alma não sabe pedir outra coisa,—e protesto-lhes que fazem d'elle tudo quanto quizerem, menos escriptor, menos poeta, menos pensador, menos artista, menos tudo o que ha de bom e nobre a que deva aspirar o rei da creação.

Uma pergunta sisuda, séria, reflexiva, circunspecta e altamente profunda. Quando João de Lemos escrevia o *Livro de Elisa*, as mulheres d'esta terra já se chamariam todas *Fevronias* e *Eufriasias*? Affigura-se-me que sim. Como que tenho ideias de que aquella *Elisa* não era de cá, e de que o desventurado poeta vinha para aqui carpir saudades de um anjo, que lá lhe ficára, a muitas leguas distantes, juncto dos seus lares, a orar e a lembrar-se d'elle.

Pois havia ahi então uma mulher capaz de lhe intender aquellas paginas.

Nascida no meio dos bosques, a nota balbuciante do seu coração echoára no espaço, pura como toda aquella natureza que lhe escutava os seus primeiros cantos.

Mais tarde veio atrophiar-se aqui nos miasmas d'esta atmosphera marasmada, e para logo, como o rouxinol das selvas, a harpa d'aquelle espirito angelico se cobriu de luto ao cortarem-lhe os vãos da sua perdida liberdade. Era a terra urna estreita para aquella alma, e um dia, partida a cúpula, a essencia refugio, voou a emancipar-se de novo na patria dos anjos, que era a patria d'ella.

Depois do sr. João de Lemos, cujo nome per si só abalisa uma epocha distincta na historia litteraria de Coimbra, appareceram ahi

mais tarde, já em tempos nossos, as lisongeiras provas de muitas vocações auspiciosas nos livros da segunda *Revista Academica*, thesouro precioso devido á imperiosa e tenacissima vontade do sr. Alexandre Meyrelles.

Santos e Silva revelou-se lá prosador quasi feito, mas sempre atrevido, violento e petulante, como tudo o que se formava nas fornalhas d'aquelle talento revolucionario, duellista comsigo mesmo.

Recordemos agora um poeta de menção honrosissima; poeta inculto, sim, mas já, nos embriões do seu genio, promettedor de um grande futuro na historia das lettras patrias.

Era Ernesto Marecos.

Que miseros fados lhe malsinavam já então a triste vida que elle hoje vive!

A lyra de E. Marecos tinha mais que uma corda da lyra de *Chénier*. Como o desgraçado poeta da França, E. Marecos era igualmente sublime nos arrojos do seu estro illimitado, insinuante e atrahente nas bravezas da sua ignorancia sympathica.

Como o gyronдино infeliz, Marecos teve um patibulo e um carasco, mercê de ingratos aos opulentos thesouros do seu formoso e atrevido imaginar. Aos vinte annos, na antemanhã de um futuro estrellado de risonhas imagens, quando aquelle coração, feito á feição de virgem, sonhava as mil graças de um amor adivinhado, e aquella alma, livre, orgulhosa e soberana, se inebriava já com o antegosto de gloria, uma nuvem, negra como os desenganos, cerrou-lhe os largos e vastos horisontes da sua esperanza, rapida, impetuosa e altaneira como o vôo atiradiço da aguia.

Nas trevas da sua desventura E. Marecos teve ainda para a patria, que lhe fôra madrasta, uma lagrima e um hymno de dolorosa despedida. Entalhou-os a ambos na amurada da galé que o arrastrava ao exilio, quando os braços, em vão estendidos para a praia d'onde partíra, rebaixavam na desesperança de chegarem aonde o pensamento lhe ficava.

Resemos-lhe por alma nós, os que o praticámos. Está irremissivelmente perdida aquella grande intelligencia.

Nos fins d'esse cyclo curto foi que mais se começaram de sen-

tir os influxos d'este horoscopo maligno, que ainda hoje parece esforçar-se por nos illaquear em todos os tentames.

Não se esquecem os escriptos ahi tirados a lume nos dois ultimos annos. Ha n'elles muitos documentos valiosissimos, e, sem desacatamento aos que ficam por citar-se, individuaremos especialmente as poesias lyricas, em portuguez, do sr. João de Deus, e as odes, em latim, do sr. Santa Clara.

As primeiras, gostadas no intimo de uma alma verdadeiramente inspirada, deliciaram os sôfregos amadores d'esta arte, que por ahi anda tão descaridosamente tutelada. O nosso amigo logrou o que aqui nem todos os poetas conseguem, meia dusia de leitores capazes de intendel-o.

Foi menos feliz, a nosso vêr, o sr. Santa Clara. Para o estudioso poeta de nada valem as nossas convicções; e pouco montaria mesmo ao seu animo modesto, que lhe exalçassemos aqui, em pallida apothose, aquellas bellezas e correcções virgilianas, que transsudam nos seus versos. De mais já lhe tributaram esse culto outros melhor entendidos do que nós. Mas dissemos, e repetimos, que o cremos menos feliz, porque esta camada nova, infrascada n'aquelles paradoxos de Martinelli que, n'um momento de mais escassa lucidez, ousou baldoar com sarcasmos os milagres da rainha das linguas, não quer, não pôde, nem sabe lèl-o.

Do que fica dito contráe-se o alcance da ardidez, a que hoje nos abalançamos. O ATHENEO arca, não obstantes os empeços d'esta ominosa e mal-agourada experiencia, com os reluctantes fados que lhe é dado presentir, rompe jornada, e procura desassombrar-se no caminho.

Declara-se, finalmente, que esta trilogia periodista é avessa e refractaria aos programmas.

O programma, maxime quando vem incampando á credulidade publica nos refalsados ardís de uma phrase opilada de promessas farfalhudas, é sempre uma excrescencia adiposa de algumas creaturas homericamente ineptas, a qual sería humana e nimiamente bom que fosse morrendo assim como morreram, ao mando de julgadores avisados, os prologos, os sonetos, os epithalamios, os acros-

ticos, os dithyrambos e os epitaphios em verso; assim como morreriam também os necrologios, se esta reabilitação posthuma não fosse tão urgente como a barrela para as ultimas limpesas de muito patife que, sem isto, teria de apparecer-nos atrozmente hediondo, quando o osculo gelido da morte lhe viesse desanuviar de sobre a face hypocrita esses assomos de rigidez ascetica, com que elles a revestem, quando por acaso deparam comnosco nos meandros da sociedade em que vivem.

Resta definir a palavra que vem no topo d'estas páginas e que, sem isso, poderia pôr em sobresaltos a intelligencia massuda de alguns interpretes pechosos.

Atheneo quer dizer academia.

Academia o logar onde se reunem academicos.

Está feito o convite e a apresentação.

Disse.

VIEIRA DE CASTRO

o PHILOSOPHO DE TRAPEIRA

PREFACIO

Il faut ou tout finir rapidement et sans délai par quelques gouttes d'acide prussique, ou prendre la vie gaïement.

Stendhal (Armance).

Il faut rire avant que d'être heureux, de peur de mourir sans avoir ri.

Labruyère (Caractères).



resumirei de engraçado, denominando PHILOSOPHO DE TRAPEIRA o meu pobre amigo, que, a preço de grandísimos dissabores, chegou a cholophormisar o elemento nervoso do coração?

Não armo ao riso, declaro, nem injurio com o epigramma d'um titulo irrisorio o desastre do grande espirito para o qual a philosophia pessimista foi a ultima raia, áquem do suicidio, onde parou o meu amigo, perseguido pelo rancor dos homens, e, inteire-se o pensamento, mais perseguido ainda pelo amor d'algumas mulheres.

Li um livro de Souvestre, intitulado—LE PHILOSOPHE SOUS LES TOITS. O auctor, discipulo de Leibnitz, quer demonstrar que este mundo, qual está, é excellente.

Os argumentos, com que peleja, são:

O equilibrio do bem com o mal;

A desgraça convizinha da felicidade;

A virtude obliterando a impressão do crime;

A mão d'um enchugando as lagrimas que outro espreme do coração.

O philosopho de Souvestre, examinando o são e o pôdre da humanidade, con-

fessa, por derradeiro, tacitamente o optimismo de Pope (a), e acceita este mundo como o melhor dos mundos possiveis, á maneira do doutor Pangloss (b).

É defeso ao romancista forragear na seara da sciencia. Tenho obrigação de ser futil e assimilavel a todas as intelligencias; senão, perguntaria eu aos sequezes do imaginativo poeta Bretão se a vontade absoluta de Deus, creando o homem bom, e constituindo collectivamente boa a humanidade, não manifestaria mais perfeições em sua divindade, mais engenhosa a sua omnipotencia! Oh! que heresia!

Responde Pope que um mundo povoado de homens virtuosos não seria melhor que esta mixtão de bons e máus, porque esses bons não chegariam a entender-se uns aos outros! Oh! que absurdo!

E, se a disputação pegasse d'aqui até remecher as reliquias do dogma já pulvereo, e os mais contradictorios dislates da razão humana? Guarde-nos Deus de tal! O leitor, enfasiado das nossas preluxas bagatelas, entenderia que o melhor dos mundos possiveis devia de ser aquelle em que não houvesse philosophos, nem romancistas enfronhados em philosophias.

Como quer que seja, o livro de Emilio Souvestre impressiona e melhora, por instantes, o coração afistulado por infortunios, desenganos e injustiças. Muitos infelizes abençoarão o auctor, em quanto a salutar digestão dos fructos da paciencia lhes enganar a fome d'outras iguarias postas na meza de raros, como ludibrio á miseria de muitos.

É dôr, porém, que os mais sãos e moraes principios, desfiados pela mão toda sensual do positivismo, produzam a verdade tão acovardada e corrida da sua nudez, que, ao affrontar-se com a secia mentira, aquella filha do céu foge para o seu pôço, e de lá palestraia com os philosophos que, ha seis mil annos, a baldeiam inutilmente.

Tenho como averiguado que é muito mais comezinho coroar um livro, missionario da paciencia, que dar o pão, a cobertura, e a dignidade ao insofrido que geme de fome, de frio, e de aviltamento (c).

Os melhores canaes do coração, esses por onde se insinua o balsamo do bom doutrinamento, entupem-se logo que a peçonha do desengano, bebida na vida práctica, filtrou por elles. Vem sempre tardia a triaga manipulada no gabinete do moralista, após um succulento almôço. O homem desafortunado argúe-se, um momento, de intolerancia e fraqueza, protesta reivindicar a sua heroica paciencia, ensaia-se até para entrar penitente na trilha dos martyres; mas, ao vêr-se solitario n'ella, só comsigo, e apupado por felizes e infelizes,

(a) Veja o *Ensaio ou Tentativa* acerca do homem.

(b) Quem quizer conhecer este doutor, se o não conhece, leia o *Candido* de Voltaire, romance gizado de industria para ridiculisar o optimismo; e, se lhe praz vêr mais salgada a satyra do philosopho de Verney, em mais grave assumpto, leia o *Terremoto de Lisboa* - de 1755.

(c) A Academia franceza coroou o livro de E. Souvestre, e jámais coroou as melhores obras de reorganisação social.

não rasga, como Catão, as entranhas; mas cré, com Bruto, que a virtude não é mais que uma palavra... inventada para os panegyricos, para os epitaphios, e para os tolos. Não se mata, porque ha um baluarte inexpugnável onde o philosopho de bom juizo se acastella com as suas derradeiras aspirações: é o estomago.

O meu amigo, degenerado em philosopho pessimista, começou como Platão, sonhando o bello ideal; irmanou-se, depois, com Epicteto, supportando os desgostos com animo inteiro; e acabou com Epicuro, arrebanhando-se na vara dos cerdos immundos.

Quando foi elle mais ou menos digno dos respeitos humanos?

Com Platão, foi alvo da mofa, ludibrio da perfidia, e zero social.

Com Epicteto, foi pária de regalos, soffredor obscuro, e um «pobre homem» inhabil para alguma profissão.

Com Epicuro, foi um devasso arrogante, um escandalo desgarrado, a deshonra da humanidade.

Parece que o apostata-do ideal e da paciencia experimentará um tal ou qual sabor de vingança no cynismo. Atrevo-me a affirmar-o, porque o prazer da vingança reflecte de dentro á face um brilho de infernal gloria, e eu yi muitas vezes essa reprobta alegria no rosto do meu amigo.

Cuidam que o louvo?

Não; mas tambem o não condemno. Nós sentenciamos hypocrita, estúpida ou ferozmente.

Não descontamos a flagellação dos desenganos, nem as humilhações da paciencia escarnecida, nem as agonias do veneno, que cada um elabora em si, antes de cuspir-o á face dos outros.

Pensam que não custa ser máu?

Perguntem-no á intelligencia arrastada ao crime pelo coração. Espiem as horas solitarias do que tira da face, ao entrar no recesso do seu quarto, a mascara que o abafa.

Uma só lagrima poderá purificar diante de Deus a alma perdida para o mundo.

Mas a sociedade?

Mas o exemplo?

Mas as regalias do vicio triumphante?

Mas o Evangelho em antagonismo com a ideia da justiça?

Mas o silencio da sepultura do justo e do infame?

«O homem é bom; os homens são máus» diz J. J. Rousseau. O culpado é um instrumento que exercita o crime ingenito na sociedade... Hei de escrever muito sobre este summarento assumpto quando tiver quarenta annos, e quarenta contos de réis.

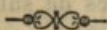
Repito: não escrevo a apologia do homem que quiz ensinar-me a *arte de ser feliz*, enviando-me o que elle chama: «Manual de Epicteto, segundo os tempos correntes;» e mais adiante: «o unico Kempis possivel n'esta sociedade.»

Copio, e mais nada, algumas páginas das que podemos lêr sem abrenunciarmos primeiro as tentações de satanaz.

Contra a contágio da lepra moral ha um antidoto efficassissimo: é presumir sempre que o homem mais immoral é o mais infeliz.

Se assim é ou não, remova-se como impertinente a questão physiologica dos temperamentos, — fique por decidir até á vinda do segundo Messias.

INTRODUÇÃO



Julga o editor d'este livro—não podemos qualificar-nos d'outro modo, visto que o nosso trabalho é uma simples compilação systematica dos capitulos avulsos no manuscrito—julga o editor d'este livro que toda a gente leu os tres romances intitulados:

ONDE ESTÁ A FELICIDADE?;

O HOMEM DE BRIOS;

A VINGANÇA.

Ha n'esses tres romances um personagem innominado que acareou a sympathia dos leitores. É aquelle poeta, amigo de Guilherme do Amaral, da Augusta costureira da rua Armenia, mais tarde baroneza de Amares, e por fim do barão da Penha. Aquelle homem tinha em sua vida sobejidão de factos dignos de serem postos em escriptura; narrador porém das biographias, que mais ou menos convizinhavam com a sua, nunca me elle consentiu que o seu nome fosse inserido aos dos personagens dos meus romances, nem ainda me permittiu o uso d'um pseudonimo, necessario muitas vezes ás conveniencias da composição e verisimilhança. «Quando o meu nome vier a lume, dizia-me elle, ha de ser em livro de minha lavra, ou em publicação rubricada por minha chancella, em que eu seja a primeira figura, ou a primeira luz do quadro seja toda minha.» Outras vezes disse-me: «A minha biographia está em meio. Tenho vinte e nove annos; cuido e até creio que completei o meu destino; mas quantos accasos me farão ainda girar em volta da sepultura, fronteira temerosa que a eternidade levanta diante de mim?»



N'esse tempo—ha hoje oito annos—ainda Ernesto Pinheiro proferia a palavra *eternidade* com certo acatamento, que me obrigava a transpôr além-tumulo o espirito confuso com religioso temor. Bem sabia eu que a sociedade perseguia este homem, victima d'ella e de si mesmo. Conhecia-lhe a alma, as mais das vezes contradictoria com os actos, submissos sempre ao sentimento e raras vezes aos principios: conhecia-lh'a na severidade da sentença com que elle proprio se condemnava após a falta, o vicio, e raras vezes o crime, que nem a consciencia nem a sociedade castigava nos outros. Calumniado, e cruelmente verberado sempre que oscillava á borda das voragens, Ernesto Pinheiro, ainda assim, olhava-se com pezar, e aceitava sem agravo a sentença de seus juizes. Quando a voz pública o vilipendiava, dizia: «Bate-me no rosto a pedra que não ousou bater na adúltera.» Isto commovia-me, e morigerava até certo ponto as minhas impaciencias contra a gentalha d'esta cafraria do Porto, para onde a justiça mysteriosa do Senhor nos expatriára a ambos.

Ernesto Pinheiro desaparecêra um dia de Portugal. De bordo do navio, fundeado no Tejo, duas horas antes de subir ao tombadilho para saúdar por ultimo o formoso céu, que lhe vira impassivel as inclemencias da vida, escreveu-me esta carta:

«Esperei esta hora solemne para dizer-te o *valè* dos infelizes, que se afastam, cada um com a sua cruz por differentes sendas, mas sempre com os olhos fitos no mesmo Golgotha.

«Á hora em que te escrevo tangeram a finados os sinos de Lisboa. Bem vinda seja essa toada que me alanceia o coração, d'onde as lagrimas não podiam sahir. Não é saudade de pae, de mãe, de irmãos. Não tenho alguém, que me chore. Choram-me estes sinos. É para mim que a providencia reservava estes dobres á hora em que morreu a minha mocidade, passado, esperança, e patria.

«Que deixo eu aqui? A luz moribunda da ultima paixão que devêra ter sido a primeira. Fica-me ahi essa martyr que a sociedade crucificou por que a viu tirar-me do coração os espinhos, e beber-me dos labios o veneno que os homens me haviam cravado e vertido com a malquerença, a inveja, a calúnia, e o insulto.

«Ella ahi fica duvidando de Deus, da virtude, e até de mim. Pensava aquelle anjo que seria obra meritoria aos olhos de Deus erguer-me do impio desalento em que me encontrara até aos augustos affectos do coração, e rehabilitar-me por influxo do amor humano para outro mais seguro e esperançoso. Pensava ella que a propria sociedade, obrigada a confessar que os meus vicios se depuravam na flamma d'uma affeição sublime, e que os meus costumes, se não edificavam, tambem não offendiam, lhe abençoaria um amor que podêra restaurar sentimentos de honra obliterados no coração d'um homem mal-quisto.

Pensava ella que eu, depois de a vêr descrente da misericordia divina e da justiça humana, continuaria a tomal-a como instrumento para castigar invejas, e affrontaria com os poderosos inimigos que tramavam a sua irremediavel perdição.

«Fujo á infeliz, meu amigo, e deixo-lhe de mim um conceito bastante imerecido para que seja ella a ultima a vilipendiar a minha memoria.

«Estás no Porto. Vai ás praças, e escuta os maltrapidos da honra quando elles discutirem a minha expatriação. Ouvia-os-has dizerem que eu paguei com desprezo á mulher perdida, que pozera aos pés do meu cynismo a sua honra e os fóros da opinião pública. Verás por que lamaçal de calúrnias elles arrastam essa mulher que poderia ainda ser grande e soberba do seu crime, se a eu incitasse a affrontar a diffamação com rosto alegre.

«A sociedade estorce-se em frenesis de raiva quando o crime francamente se mostra e ri. Essa mesma sociedade cospe desprezos no pezar que se humilda até implorar perdão. Eu vi ahi, n'essa fetida sentina, fartas vezes, a immoralidade contumaz vencer com o descaro a guerra que uns aos outros, e umas ás outras se fazem os biltres chamados *homens serios*, e as illustres colarejas, chamadas *senhoras honestas*. Conheci as Cecílias e as Carvalhosas (a), que tu has de a medo hosquejar nos teus romances, quando lançares mão de esse extremo desforço dos teus brios esmagados por estupidos ociosos, e devassas recatadas. Quando uma imprudente mulher, avêssa aos ardis da hypocrisia, resvalava até ás botas d'essa gente, explicando com lagrimas e contricção o impulso da sua quêda, em que muitas vezes a estava absolvendo a honra do coração, os infames punham-lhe o pé no peito, e esmagavam no pezar o reagente da virtude que rehabilita.

«Não posso ainda extrahir a peçonha da alma, meu amigo. Apenas tracto de mitigar estas dores com a unção de não sei que esperanza de encontrar alguma hora na vida o anjo da divina justiça com o premio de tantas afflicções obscuras.

«Não sei o que vou ser duas mil leguas distante da patria. Nenhuma esperanza me chama. Não me aguilhoa aquelle pensamento de ambição, que impelliu por esta esteira aquelle nosso amigo, que se lá atirou d'um terceiro andar á rua, d'onde os braços caritativos d'um negro o levantaram com o craneo espedaçado, e o fel do coração a escorrer-lhe em fio dos labios (b). Não, meu amigo.

«Sei que o dinheiro é o mais excruciante látego com que se castigam os inimigos no Porto; sei como ahi se dobra o joelho diante do ladrão feliz e do

(a) Allude a certas personagens dos romances «Onde está a felicidade?» «Homem de brios» e «Vingança.»

(b) Refere-se ao bacharel Fernando Jacome, d'uma illustre familia de Braga, residente alguns annos no Porto, onde a adversidade o empobreceu, e a pobreza o immolou á ambição.

infame nobilitado. Abjuro a satisfação d'essa vingança, que, primeiro, me custaria a renúncia de quantos sentimentos de homem de bem ainda me restam illesos da detracção d'esses chatins que uns aos outros se infeiram na praça a deshonra já havida como factu consummado.

«Adeus, meu amigo.

«Quando tiveres uma hora de concentração amarga; quando as injustiças dos homens verterem sobre as chagas, que a fatalidade te rasgar no coração, o fel do insulto; quando precisares allivio sobre-humano, e o impossivel respirar das lagrimas, não vás metter uma bala na cabeça impenetravel de teus inimigos. Crê, amigo, que para os grandes infelizes, que já não podem espe-lhar no coração uma imagem salvadora, para esses ha um só ponto no hori-zonte do futuro: é a sepultura, é o *morre e vinga-te* do padre Antonio Vieira.»

Ernesto Pinheiro chegou á capital do Brazil, e pediu gasalhado n'um jornal, onde já se achava collocado um seu conhecido, tão pobre como elle. Obeve de seu trabalho recompensa que apenas lhe abonava o pão do dia se-guinte, se a doença o não levasse á porta do hospital.

O escriptor, quasi ignorado, porque os seus escriptos nem assignados eram, vivia n'uma trapeira, em que apenas cabia um pobre catre, e uma mesa de trabalho. Ahi escreveu Ernesto os capitulos que vamos dar em pa-bulo á ira, ao riso, á piedade, e á indifferença.

Dois annos depois (1856) Ernesto Pinheiro, cançado e doente de trabalho, fez uma excursão á cidade de Sanctos, e encontrou ahi um advogado que fôra em Coimbra seu condiscipulo de preparatorios.

Este condoeu-se, e sympathisou com a estoica pobreza do litterato. Excita-o a explorar um veio de riqueza, que Ernesto Pinheiro despreza: era o casamento com cem contos fortes d'uma mulata. O escriptor volve pobre ao Rio de Janeiro, e, um anno depois, é chamado a Sanctos para liquidar uma pequena herança que lhe legára o seu condiscipulo, fallecido de febres.

Ernesto Pinheiro vive na trapeira onde vivia, e, segundo me diz, *mais desgraçado que nunca*, porque hoje nem sequer experimenta as consolações do trabalho.

«Lê esses fragmentos, escriptos quando o escrever me era um desafogo, e publica-os como quizeres e quando quizeres» diz Ernesto Pinheiro. E eu, respeitador do phantasma das conveniencias, como é público e notorio, mon-dei do volumoso manuscripto certas plantas maleficas que podiam damnar o estomago saburroso da moral pública.

(Continúa)

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

IDEIAS AO ACASO

Isto de escrever romances é coisa que vae já cahindo em desveso.

O sestro de, n'um anteloquio ou prologo, os querer impingir ao público em guiza de series não cortadas de succedimentos certos, testemunhados, e sem replica, é mister despremiado e inglorio: póde o romancista cançar-se no desvelo, póde afadigar-se no empenho, póde barafustar e terçar contra o scepticismo que por ahi trezanda, que certo não precalça em escambo, mais que uma risa gosmenta e suja de alguém, que por mal dos seus peccados, se ache já deslombado por costaes de absintho e fel!

O leitor ri-se... e tem razão.

Testudo em peguilhos de pouca somma, não crê nos romances, como não creeria tambem n'uma estatistica de hospital de phtysicos.

Desde Margarida Gauthier, primeira phtysica do seculo, que estiou nas vascas da sua paixão typica, até hoje o romance tem apparecido, podre de pustulas, mosqueado de boubas, e infeccionado de tuberculos.

Assim devia de ser.

Ha certos romances, que são uma especie de marco ou baliza, por onde se nivelam os costumes dos povos.

Sirva de exemplo—*Os Salteadores de Schiller*, que por sua influção transubstanciou muito duque em larapio, muito conde em gatuno, e muito Marquez em purissimo ladrão d'estrada.

Sirva de exemplo o —*Werther de Goethe*, essa alva da poesia moderna, como lhe chama Stael, a cujo apparecimento o suicidio começou a arar fundo no solo de Allemanha e da Europa, deixando, aqui e alli, entalhados os corrêgos do seu formidoloso rastro.

A mulher d'então presumia inchada de ser Carlota S...

Ao homem, porém, valia-lhe mais caro o alardear enfunado de Werther em mantilhas.

Era preciso estudar muito a Illiada de Homero, e esmigalhar por fim o craneo contra o jaspe do moimento, que encellasse os restos do modello, quisto.

Era vezo do tempo.

Hoje, porém, é outro.

Hoje não ha larapios, gatunos, ladrões e suicidas: ha phtysicos, cardumes de phtysicos por toda a parte.

Felizmente que a moda hoje é um pouco mais commoda, apesar de ser um pouco mais ridicula.

Custa a crêr, com effeito, que uma mulher gorda, adiposa, e opulentada em teçumes cellulares, se diga phtysica, com um nunca visto desvergonhamento e despejo. É incrível que um homem capaz e bastante para estillar as enxundias d'um cevado se apavone de dama das camelias *macha*, e resingue em tossidelas a primazia do achaque. E vão lá rir-se da mania que os salteia! Ainda phtysicos ha-os por ahi capazes de descadeirar um homem com uma murraça herculana.

Eu por mim, sempre pechoso em cousas d'esta laia, tenho excogitado a connexão que haver possa entre os orgãos respiratorios e as magoas do coração. Não pude por ora achal-a.

É certo porém, que raro apparece uma paixão reciproca, ou não reciproca, em que uma phtysica tartufa não venha dar remate á festa, e etherisar assim o vaporoso sentir dos dous apaixonados. Ora o romance, secreção ascosa das glandulas do corpo social, combalido e enfermado da febre que por ahi grassa, esse vae mais longe.

O romance de hoje sanctifica a infamia escancarada, e a prostituição sem rebuço.

Póde o homem descerrar os labios virginaes da mulher com beijos de lasciva volupia, que o seu amor será divinizado, quando um laivo de sangue, sacudido com ancia do peito, enrubecer as tinctas negras da des-honra!

Isto na verdade é mal feito, muito mal feito, senhores romancistas.

E estranhaes que o leitor se ria?

Causa-vos estranheza que o leitor, proselyto de Radcliffe, chorando ha vinte annos lagrimas bastantes para depôr nos angulos das orbitas stalactites de sentimento, chasqueie hoje dos prantos resumbrados, e se desquite em chufas contra a poesia do seculo?

Estranhem, ou não, o que é certo é que o romance d'hoje não se aduba com banhas, carnes, e toucinhos.

Podem dous entes repolhudos amarem-se com extase; podem liquidar em

lagrimas os torresmos do abdomen, que o seu amor será sempre ridiculo e burlesco.

Petrarcha e Laura, Des-Griex e Manon, Raphael e Fornarina, se fossem d'estas eras, e se um refego d'adipes lhes desfeasse as nedias faces; Petrarcha não fora certo o reformador da poesia lyrica, Raphael não desenhára o painel da Transfiguração de Christo, e o abbade Prévost não valeria uma biographia de Sainte-Beuve.

Hoje ama-se a magreza sem jejuns, a phtyzica sem dietas, e as mulheres sem pulmões! Uma mulher sem pulmões, especialmente, deve ser uma coisa d'um estro delirante!

Conheço um esperançoso moço, de quem sou até intimo amigo, cuja mór querença fôra cazar com uma mulher que não tivesse forças para aprumar um argueiro!

Por um tudo nada podia casar com um esqueleto. Era muitissimo mais commoda a sua alimentação.

Aqui estou eu, que já rascunhei no espirito a mente d'um romance... romance não, era uma historia: era uma historia conhecida, esgaravatada, e remechida por os conterraneos do martyr, cujo ella reza. Era uma historia enroupada n'um crepe mortuario, e cimentada pela argamassa dos tumulos. Bafejada pelo halito frio d'um moribundo, e lubrificada pelas lagrimas intumescidas da agonia, queria ser acreditada.

As azas negras da mentira sordida não foram dilatar-se no papel humedecido com lagrimas, nem o véu das hyperboles romanticas se desdobrou em feitiços e magias de sentimento hypocrita.

A penna, regrada sómente pelos instinctos candidos do coração, copiava a essencia da poesia da alma.

Ia até aqui bem o romance.

Pelo menos pejado de dores, e tumido de lagrimas.

A mim, porém, como chronista, corria-me o dever de falar verdade: o protagonista do romance finára-se d'uma hydropezia de ventre!!

Começava aqui o grotesco da historia.

Abri mão d'ella, e aguardo que a anasarcha seja como a phtyzica divinizada por algum romancista de vulto, para então fazer sahir a lume o pobre do meu romance.

VICTORINO DA MOTTA.

UM CURTO PROEMIO

«De ha muito tempo que não li poesia tão bonita» me dizia a mim Camillo Castello Branco, quando eu uma vez lhe mostrava na minha carteira esses versos lá escriptos por João de Deus.

No meio d'esta gafa de poetastros peralvilhos, cuja hombridade nauseia, a natureza dadivosa compraz-se ás vezes, por amor da arte, em chamar ao templo santo da poesia alguns escolhidos da inspiração e do genio.

João de Deus não é um poeta conhecido.

Explica-se. Hoje, para alcançar uma testada gloriosa no parthenon das vocações soezes e parvoinhas, é preciso irisar n'uma estrophe desgrenhada a cabelleira farpuda de Claudio Frolo, e silvar n'um hemistichio exulcerante a exclamação furiosa de Hamlet; faz mistér crear a gente uma escóla garraia, desfitando os preceitos do bello e descurando as regras da arte. Dizem-no elles... os gibelinos da arte e do bello.

A natureza já não entra por nada n'essa poesia que por ahi se franduna ás desunhadas de muito semsaborão.

Vae em tres seculos que isto não era assim.

Então o poeta errava por descampados, trepava até os serros, e d'ahi, remontando o espirito para as alturas da immensidade celeste, pedia aos anjos que a sua alma entreadivinhava lá, que lhe bafejassem no coração o segredo de vibrar na lyra aquellas mysteriosas harmonias de uma natureza eloquente na sua admiravel mudez.

O verso vinha ás vezes desaffectedado de mais, sem o esmalte de pompas artificiosas, que poderia dar-lhe a meditação e o estudo sem desluzir-lhe a candura nativa, mas sempre bonito, sempre natural, sempre elegante de uma desleixada e graciosa simplicidade.

Bernardim Ribeiro era o coronal de uma escola que teve o máu gosto de legislar assim para a poesia.

Pouco depois os poetas ermavam ainda pelas solidões, mas compartiam os dias também pelas bibliothecas, e o pensamento congenial de toda a poesia verdadeira appareceu então adunado com todos os preceitos da arte, invasado nos moldes de um classicismo puro e correcto.

Fez isto Luiz de Camões, aquella intoleravel mediocridade que não mirava raios de prata, nem hauria brisas doces, nem palpava mares de anil, nem tão pouco, diga-se de passagem e de maneira que rime, possuia nas entranhas o teçume adiposo d'estas phantasias de perrexil.

O sr. João de Deus, compulsando e estudando com afêrro estes grandes mestres, sacrificando, como sacrifica sempre, áquelle eterno principio de Boileau:

Rien n'est beau que le vrai,

poderá carpir-se e amiserar-se da sua curta nomeada?

Não pôde, nem deve. O galardão da poesia são a admiração espontanea, o extase contemplativo, os enlevos do sentir ignorado do vulgo, que paga com frias homenagens a historia intima e profunda de alguns versos escriptos, sabe-o Deus, á custa de quantas lagrimas, de quantas amarguras, de quantos pezares.

É triste a historia d'essa poesia opulenta de formosos pensamentos e bonitas imagens, com que se agrinalda o primeiro numero d'este periodico.

Escreveu-a entre dous tumulos ainda abertos de fresco o imaginoso e sentimental poeta, que sôbre elles fôra esparzir os balsamos de uma sentida prece. Veio alli o anjo da saudade poisar-lhe nos hombros, e segredar-lhe ao espirito confrangido pelo desalento o mysterio d'essas plangentes melodias, onde transluz magoada e chorosa a pena que se não finge nem simula.

Em pouco mais de um mez a Providencia estendeu o crepe de dois lutos na casa do sr. José Duarte Nazareth.

Rangeram nos gonzos as portas d'aquella habitação para deixarem logar a dous esquifes que passavam.

No primeiro humedeceram as lagrimas do pae e da irmã, que se derramaram por sobre um involucro inanimado, d'onde espirára para os céus o espirito de um anjo. Com o segundo sahiram para o mesmo templo as preces angustiosas do esposo e da filha, que imploravam ao Senhor das misericordias o indulto de uma nova existencia, que ia ser julgada no magestoso throno da sua grandeza.

Não podem destacar-se as bellas que opulentam a sentida poesia do sr. João de Deus. Seria mistér admirar-lh'a, endecha por endecha, verso por verso

Tomemos porém a penultima estrophe.

Que bella imagem aquella!

O inspirado vate descrevendo o passo incerto com que as duas infelizes vão caminhando para a morte

Guiando-se, uma á outra, á sepultura,

revelando as verdades d'aquella audição intima, que é privilegio de poucos, e pela qual elle escuta a mãe bradar á filha:

Rachel! Rachel?

como se o ultimo lampejo da esperanza tentasse ainda segural-a á beira do abysmo, leito que determinação de cima abrija para o repouso eterno de dois anjos, que alli deviam juntos dormir no Senhor, desenha em verdadeiras côres um sentimento que é de muitos, mas que raros logram debuxar, e menos traduzir assim.

É que o sr. João de Deus tem um anjo, que desce sempre do céu á chorar-lhe magoas nos seus versos, quando elle desfere uma nota nas cordas gemedoiras da sua lyra.

E como o pranto de todos os anjos esses versos expiram uns perfumes de melancolia suave, que entristece sem magoar, que penalisa sem doer, que fere sem exulcerar.

N'isto sobresáe tambem a face characteristica da sua natureza. O poeta contrafaz-se, illude-se, mente a si proprio, quando por vezes sorri a coberto de um sarcasmo feliz ou de uma ironia caustica. Aguçam-lhe então a veia da satyra as chanças grosseiras dos invalidos da critica; mas a sua alma, malferida pelo desacato aos seus foros inauferviveis, corre depressa a avocar para si os direitos que lhe violou o desacerto de um instante, e o generoso vate, envergonhado, deixa cair aos pés a lama que de lá erguêra para a ennobrecer com o seu castigo.

Se ha homem a quem a palavra fosse dada para exprimir a verdade, o grito para accusar a dôr, o riso para manifestar a alegria e o contentamento do espirito, esse tal é João de Deus. Por má ventura são estes ultimos na vida remansosa do meu amigo como os reverberos do sol nos lagos poeticos da Escossia.

N'um livro que João de Deus a raros mostra, e a rarissimos lê, jazem sepultadas estas duas estrophes:

A vida é o dia de hoje;
A vida é ai que mal sóa;
A vida é sombra que foge;
A vida é nuvem que vóa.
A vida é somno tão leve

Que se desfaz como a neve,
E como o fumo se esváe:
A vida dura um momento;
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha, que cáe!

A vida é flôr na corrente,
A vida é sôpro suave;
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que ave.
Nuvem, que o vento nos ares,
Onda, que o vento nos mares,
Uma após outra lançou;
A vida, — penna cahida
Da aza d'ave ferida,
De valle em valle impellida, —
A vida o vento a levou!

Vêde. Cada estrophe é uma ancia, cada verso um queixume, cada palavra uma agonia. A alma do poeta está ahi toda. Se o vosso existir tem sido pobre de gloriosas occupações, vindicai um erro, estudando os desalentos d'essa phantasia inspirada. O Senhor de todos os reinos conserva ainda por este mundo algumas naturezas privilegiadas, limpas e immaculadas dos vicios que escorrem um pus tabido para os chiqueiros da sociedade. Foi uma d'estas a que escreveu aquella grande maxima: — *A virtude é o galardão de si mesma.* Crêm-nas infelizes os apóstolos devassos de um materialismo torpe, vil e nauseento: Ellas riem... quando não choram de lastima.

Inquadra no tomo das eleitas a alma de João de Deus. Venha agora um vaticinio consolador. Prediz-me o coração que ainda haveria por ahi algum sonhador de chimeras, alma capaz de abraçar-se ás saudades fundas da sua infancia, horizonte distante em que alveja o banco de pedra do presbyterio, ninho sagrado d'onde, ás horas do pôr do sol, a alma estudava o primeiro vôo nas azas da admiração instinctiva; que de bom grado cedesse pelas desventuras do meu poeta as frivolas regalias de uma sorte menós mal avinda comsigo. Será premio ou expiação o talento? Mentiu ou disse uma terrível verdade o philosopho de Genova? — Desenfade-se n'essa averiguação quem tiver a coragem de arriscar n'uma analyse o gôso de uma dúvida fagueira.

O nosso amigo dedica os seus bellos e numerosos versos á ex.^{ma} sr.^a D. Maria Candida Duarte Branco Nazareth.

Possam elles ser de mago lenitivo ao anjo que o Senhor deixou na terra para confôrto e amparo de uma desolada viuvez.

VIEIRA DE CASTRO

Á III.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a

D. MARIA CANDIDA D. B. NAZARETH

Despe o luto da tua soledade
E vem juncto de mim, lyrio — esquecido
Do orvalho do céu!
Tens nos meus olhos prantos de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher, sou irmão teu.

Sou pobre de consolos; nem existe
Quem de lagrimas tristes nunca enxuto
Possa as d'outro enxugar:
Não póde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar, se escuto
Alguem tambem chorar.

Botão de rosa murcho á luz d'aurora!
Que peccado equilibra o teu martyrio
Na balança de Deus?
Se é como justo e bom que elle se adora...
Quem te ha mudado a ti, ó rosa, em lyrio,
E em lyrio os labios teus!

Não enche elle de balsamos o calix
Da flor a mais humilde, e esses espaços
Não enche elle de luz?
Não veio o filho seu, lyrio dos valles!
Nos braços d'uma cruz pregar seus braços
E expirar n'uma cruz?...

Mulher, mulher! Quando eu n'um cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho,

«Eis, digo, eis o que eu sou!»

Mas quando penso bem n'esse mysterio
Da virtude infeliz... «Vai teu caminho!

Dois mundos Deus creou.»

Deus não dispara a setta envenenada

Á pombinha que aos ares despedira,

Com mão traidora e vil:

— Imagem sua — Deus não volve ao nada,

Não aniquila a flor que ao chão caíra

Lá d'esse eterno Abril.

Has de, cysne, expirando alçar teu canto;

Has de lá, quando a lua da montanha

Te diga o extremo adeus,

Voar, Candida, ao céu; e ebria d'encanto

No oceano de luz que as almas banha

Unir teu canto aos seus...

Seu d'ellas; mãe e irmã! cinzas cobertas

D'um só jacto de terra... Oh desventura!

Oh destino cruel!

Vejo-as ainda ir com as mãos incertas

Guiando-se, uma á outra, á sepultura,

E a mãe: «Rachel!... Rachel!...

Desde então á janella do — Occidente —

Te hão de vêr, como a bussola em seu norte

Fita, pensando... em que?

Ah! Não nos vões tambem, pomba innocente.

É grande a eternidade, é certa a morte —

Espera! Vive, e crê!

JOÃO DE DEUS

CHRONICA

Aos tantos dias de tal mez, (pouco importa a epocha) comecei a gisar os preludios d'uma chronica mensal, da qual me deram cargo os meus collegas na redacção d'este periodico; do antedicto gisar sabiu, pouco mais ou menos, o que se segue.

A quem me diga que esta terra é erma de successos embrincados, sêcca de feitos repolhudos, e carecida de crepitantes exitos; a esses burguezes lerdos, que vivem vida de galinha chôca nos ninhos das suas betesgas; a esses que, por sarcasmo ou chufa, acoimarem este vergel do Mondego, de sertão, dezerto, e não sei que mais... (estylo pançudo e gordo) hei de em phrase, pouco curial sim, mas portugueza e coimbrã, retrucar-lhes — que mentem. —

E mentem na verdade, porque se ha angulo do mundo, pingue de chorumentos feitos, e preenchido de aformosentadas vicissitudes, é sem dúvida este, que outr'ora fôra cantado por trovadores, e que hoje, salvante as excepções, é apenas chilreado pelos poetastros do seculo.

Não me chamem por isso linguareiro, palrador, dizedor, e tarameleiro, porque é um redondissimo aleive; se é que no aleive anguloso, e chato, qual pé de gallego lorpa, pôde, como na peta, para melhor ser engulida, descortinar-se algum rudimento de esphericidade.

Feito este razoamento em prol d'esta formosissima terra, passa-se a debuxar os factos que, arrebanhados com epizodios grotescos, devem attestar as paginas d'este calendario revisteiro, e alindar as gravuras d'este almanach historico.

Foi o caso... que...

O chronista deixou escorregar-se pelo cisco d'este aranzel de alicantinas, e só viu que estava em Coimbra, tanto que lhe faltou assumpto, argumento, ou motivo para a revista esboçada na téla do pensamento absorto. Era por tanto força de riscar, e trancar esses preludios fôfos, e dizer com lhaneza o que sente a respeito de Coimbra.

A chronica pois, n'esta boa terra, é, das muitas cousas que se bosquejam n'este periodico, quiçá a mais somenos.

A lida de esgaravatar alvitres em terreno sapharo, para depois os enfeixar ás gavélas nos sotãos jornalisticos, é tarefa perdida e vã: podem calejar-se as mãos no empenho; podem escorchar-se até ao sabugo as unhas no escarvar do sólo; que a colheita foi, é, e será sempre somitega, sempre mofina, e sempre má.

N'este presuppuesto, pôde certo inferir-se, que a chronica insulsa, e dissaborida, como um necrologio das duzias, se volverá em guiza de epithaphio para o desaventurado revisteiro, que, por conchegar-se aos moldes da sua má sina, houve por bem metter-se em taes alhadas. Devêra pois ter-se madrugado com cedo no começo da revista por um aquí jaz um chronista, em gripho, o qual, sôbre ser cabimento e introdução modesta para o revisteiro, sería prespicuo e allumiado prologo para o leitor tartufo.

Ainda a quem não fôr displicente e desagradado em computar novas de pouco

tomo, sem chorume de valor ou peso, facil lhe será talvez alinhar alguns períodos balofos, arroupal-os com trajos maltrapilhos, brunil-os com mal lustrosa graxa, salgal-os com mal gostoso adubo, para ingarampar assim a boa fé dos ledores crendeiros. Isto sim, que póde ser. Eu cá, não. Talvez seja porque nascido debaixo da influencia maga de estrella arvezada, o démo me espirite o sêr presumido, vaidoso, e desvanecido, em noticiar só cousas de alto estofio?

Assim o acredito.

N'esta confita porém, ou jovial, ou discontentadiço, o chronista deve dizer o que ser possa e arrematar já este comprido e bastante pegulhal de tretas. Mondem-se pois os factos, e vamos á chronica.

O meu sapateiro, ardiloso como um gato, crapuloso e feio como o démo, acaba de me fazer provar um pungitivo desengano. Engalhára-me nas esperanças de calçar uns sapatos garridos e affeitados ás nove horas do dia de hoje, e faltou cavilosamente á sua promessa.

Execração pois a ti, sapateiro vil e ignominioso, que assim trahiste a tua jurada fé. Odio eterno a ti, artista franduno, gangoso, e fragalheiro, que assim derribaste as escoras ao enxerto ridente do meu futuro. Maldicoado sejas tu, mestre sandeu, hypocrita, uzureiro, e remendão, que assim condiste no cadinho do olvido as aspirações affanosas d'um janota esgrouviado.

Arrastado sejas tu por a vaza dos chiqueiros, como a sóla pódre que vendes, professor de tripeça; esartejado por cavallos lazeirentos; e esburatado por corvos fuscus como a tua consciencia maldieta, e pifia.

Rancor a ti, cão, perro, judeu, focinhudo verdugo dos pés do proximo, e inexoravel carrasco dos calos dos conjunctos.

Corrido por fedelhos, apodado por gatunos, e apedrado por gaiatos, sejas tu, arganaz descaridoso dos crédulos freguezes.

Espremidido, e aboleimado nas encospas do officio; esmoído, e machucado com os martellos do mistér; cozido e espetado com as sovellas da arte; açoitado e varejado pelo tirapé do ministerio; eis a pifança que mereces, ladrão famulento e esbulhador.

Embruxado com feitiços, e enguiçado com máus olhados e engrimanços, morras chupado e estitico como os galans do drama moderno.

Um enguiço para ti, bacharel de solas, uma zanga... uma figa!...

Eis no que se compendia e rezume a chronica de Coimbra!

Semsaborão! Chronica de sapateiro! (cordato aresto de burguez meigengro e manteigoso, regougado na larynge morfanha, escoltado por um frôxo de riso alvar, dous sórvos d'uma pitada do grosso, e quatro gatimanhos de mal sustida impertinencia).

Mal avindo sou com a sorte! Abro a chronica por um singelo epitaphio ao corpo, e o leitor põe-lhe o fecho por uma inscripção sepulchral ao espirito!

É reveso fado... é desaventurada sina!

Fallemos serio.

A gente de Coimbra, é gente (que novidade!) peregrina, e insolita.

Remittam-me as alindadas virgens do Mondego este contumelioso gabo, que provarei consoante as minhas forças, sem deitar a livraria abaixo, sem suar o ouriçado topete, e sem mesmo aquilatar-me na taramelice de chronista despeitoso, que não sou d'esses, eu.

Seguindo pois a pista e a traça dos chroniqueiros preteritos, fallarei das mulheres, as quaes em toda a parte do mundo são reputadas como a unica coisa que merece chronica.

Por tal signal que as taes mulheres, e especialmente as minhas formosissimas leitoras de Coimbra, já devem estar amofinadas, raivosas, e encanzinadas comigo por tanto tagarellar, cançadas de aguardar nas peanhas da belleza o preito devido aos Anjos?

Começarei pois, a falar, já que tanto o anceiam; mas tirante sempre algumas excepções. Em toda a parte ha mulheres que olham, mulheres que ouvem, mulheres que se mostram resplendentes d'um lustre que deslumbra e offusca.

Aqui não: empedrada nas furnas d'um albergue, ou amorada nos desvãos de paços acastelados, a mulher de Coimbra não olha, espreita; não ouve, escuta; não se mostra, esconde-se.

N'esta conformidade a mulher de que fallamos é o typo cogitado por Alphonse Karr; o molde das matronas de Molière; e o modelo das mulheres de Jesu Christo. A mulher de Coimbra é uma rareza, cujo apparecimento é um prodigio, um portento, um milagre, um assombramento até. A sua existencia, vida, e modo de ser, são cousas que contristam, arripiam, conturbam e eriçam os monhos do sacerdote, que abrir o sacrario mystico do seu viver freiratico e bizonho.

Tenho eu pensado que uma das theses, que mais alvidramento merece nos precintos das sciencias domesticas, civís e sociaes, é, se uma mulher do seculo, (não a collareja do sr. Marques Pereira) póde viver sem bailes, sem theatros, sem arrobamentos de poezia e amor? Póde. Ahí está Coimbra testemunho vivo da verdade a que aventamos: ahí estão os chronistas meus predecessores, gafados da mesma lepra, a abrir mão das mesmas lástimas.

Ouvi agora uma sentidissima endeixa, já delida de tanto lida, mas sempre louçã como a flór do prado:

Toldam-se os ares,
Murcham-se as flôres,
Morrei amores,
Que Ignez morreu.

O trovador, sóbre ser poeta, foi aruspice de máus fados. Ignez finou-se, e com ella quebrou tambem com estalido a corda derradeira da lyra de Coimbra: os concentos suaves da poesia foram as lufadas que sustiveram as azas candidas do anjo até ao empyreo dos bem-aventurados. As lyras de então foram refundidas e caldeadas na banza do fadista; e as saudosas margens do Mondego volveram-se em aprisco de vacas bravas, touros, e eguas mansas. E as mulheres que fazem?

Estudam a preceito as regras da arte culinaria para refocilar os paladares acipi-peiros com emplastos de feijão grado, ou com xaropes de couve lombarda. Dizia *M.^{me} Deshoulières* «que l'amour languit sans Bachus e Cères.» Isto traduzido em bom portuguez quer dizer que não ha amor sem vinho e bróa. A ideia já era velha em Coimbra. Assim é que se entende a vida.

Se d'aldéa Paio Pires
Andares até Pequim,
Pódes dizer, se mentires,
Que achaste mulheres assim.

(Salso epigramma d'um chronista meu amigo, que morreu asphixiado n'uma atmosphaera de incensos, que lhe thurificaram os admiradores d'estes conceituos versos.)

Triste e despremiado officio é este de revisteiro!

Taramelar para ahí sem tom nem som, a esmo, á tuna, á tóa, a segundo lhe parece, sem esperanza de monção que o emancipe de mendigar assumptos; adejar sustido por o vacuo tenebroso á treita de estranhezas; e tudo isto para ser depois excommungado por leitora enraivecida e amofinada?

Não se amofine pois v. ex.^a, minha amabilissima senhora; Coimbra é um verdadeiro purgatorio em vida, e até hoje não resa a historia de que senhora alguma tivesse espirito no purgatorio... porque vae logo direitinha para o céu. Além d'isso a incha que v. ex.^a me consagra ha de dissipar-se quando tiver conhecimento de que na proxima revista, se deparar uma agulha n'um palheiro, hei de tartamudear em versos leoninos, saphicos, e alexandrinos a belleza que lhe esmalta o rosto, e o genio que lhe dilata o craneo. Feita a promessa, mudemos de assumpto.

Coimbra está outra.

A Universidade, pulmão do paiz, onde o sangue da mocidade vem receber o oxigenio da sciencia, avulta, e medra com as phalanges dos seus briosos filhos.

Raiou-lhe o sol de outoniça primavera, e appareceu-lhe o crepusculo de mais felizes dias.

O academico deixou saudoso a patria, e com ella o coração incubado em salgadeira de affectos. A cabeça trouxera-a como celleiro que possa avitualhar nas cafras de doutrinoso ensino.

Verteu-se muita lagrima nos despedimentos; carpiu-se muito pranto nas separações. Foram dias terriveis esses em que a donzella simploria e sorna irrigou com manteigudas lagrimas o seu germinativo amor.

Foram horas aziagas essas, em que a virgem papuda e nedia começou a sentir as coegas d'um primeiro affecto.

Mofinos os momentos, em que a matrona roliça e luzidia babujou c'um beijo derradeiro as faces do mondongo e pudibundo amante.

E passou tudo como um sonho fugitivo, cujo despertar foi em Coimbra aos sons roucos de sino impertinente.

Chegados pois a Coimbra os estudantes, chegou com elles um cardume de prospectos, jornaes, programmas, e não sei que mais.

Um dos primeiros veio por acaso dar-me ás mãos; olhei para o tope, e li o que se segue:

A Luz do Cemiterio.—«Traducção d'um publicista de merito» (cassou-se o nome por modestia do auctor). N'esse instante soára meia noite. A imaginação povoára-se-me de phantasmas, espectros, avejões, duendes, finados, aventesmas, e outras cousas más. Abri mão do prospecto, quiz dormir, e tive um pesadelo, que me confrangeu os ventriculos do coração.

No dia seguinte varri do pensamento as vizões que o arremetteram, e li o prospecto em questão.

A illação foi tarda, mas engelhada e pèca. O traductor da *Luz do Cemiterio* soterrou os leitores d'elle na mais nebulosa tenebrosidade (pleonasma forçoso, mas desculpavel.)

Quanto a mim compulsei, meditei, e espiolhei os primeiros periodos do prospecto ante-dicto, e não lhe metti dente.

É falta de intelligencia acrisolada, pensei eu; é mingua de depurada erudição.

Apezar d'isso, no nosso humilde voto, o digno traductor foi pouco sollicito, e um tudo nada descuidoso na redacção do seu prospecto. Dizemol-o constrangidamente, porque temos n'um quilate subido a virtude litteraria do distincto erudito. O traductor pois errou por obscuro, delinquir por inconsiderado, e peccou por immodesto, não tendo em vista o preceito de Vauvegnardes—*a clareza é o verniz dos mestres.*

Catemos alguns dizeres do prospecto.

«Durante as férias propozemo-nos verter em portuguez um romance, ou novella espanhola, que não sendo muito volumosa *pela escassez do tempo*, que nos limita o trabalho, fosse todavia de bastante merecimento, ao passo que podésse servir como de *mostra* da moderna litteratura aos portuguezes, que, com pena o dizemos, bem mal a conhecem ainda para que aproveitem de seus verdadeiros thesouros, o que sequiosos, e tantas vezes ao acaso, senão por elegancia» (continuam as incidentes) Se a hermeneutica me não falha, quer dizer o auctor do prospecto que os portuguezes nem sequer ouviram fallar na litteratura moderna!! Ora aventurar-se a tal despejo equivale em linguagem plana, raza e chã de revista, a dizer-se que Alexandre Herculano é um parvo; que A. F. de Castilho é um tonto, e J. B. d'Almeida Garrett foi um basbaque!!

Não se acredita em tal descóco! Solfeje-se um *de profundis* a Musset e Scribe; gagueje-se um *miserere* a Byron e Lamartine; despenhem-se no limbo Chateaubriand e Victor Hugo, e appareça a *lamparina* do sr. Utrera a allumiar o mundo!

Resa mais o arrojado prospecto: «*A Luz do Cemiterio*, se outro merito não tivesse, bastaria para recommendar-se, a naturalidade poetica da descripção, a fertilidade de ideias, a originalidade de pensamentos, o fogo de imaginação, etc.

etc., que a cada passo n'este livro revelam a superioridade do romancista, e *quasi nos tornam invejosos do seu talento*, e engenho creador!!» Não creio que o distincto litterato fosse jactancioso, presumido e immodesto, na phrase—quasi invejosos do seu talento.—Acredito antes, que fosse escripta por arredondamento de periodo, por arrebiques e louçainhas de estylo; por nimia simpleza de linguagem; mas nunca assoprada pelo orgulho, espiritada pela soberba, ou dictada por vaidade mal cabida.

O traductor, depois de fallar *na importantissima materia* do seu estylo (ponto d'interrogação) passa a dizer que uma traducção bem feita só pôde fazer-se no proprio paiz do livro que se pretende traduzir: ora isto explica-se perfeitamente pelas circumstancias climatericas do paiz!

No fecho do prospecto, o seu auctor noticia-nos ter a coisa uma bella apparencia physica: isto na verdade acareia, e attrahe o publico, e engoda os lorpas. Alvitramos porém ao digno traductor, que não se aproveite do typo do prospecto para a impressão do romance, porque as virgulas nem sequer haviam cabeça. Foi talvez motete do compoedor?

Definou-se o café Simon: os criticos desenhados d'aquella albergaria de punches cátam guarida em outro estáo, para d'ahi arrebunhar os frunchos tuberosos do mundo social.

A roda das sciencias physicas acaba de esmollar um novo engeitado.

N'uma venturosa manhã madrugou-lhe á porta um embrulho, cujo era padrinho o sr. João José de Mendonça Cortez.

Desgarre-se porém o estylo farçola, e fallemos com gravidade do alvitre scientifico do illustre professor d'Allemão.

Causa assombro e pasmo ser o descobrimento feito por um esperançoso joven, quasi estranho á Mechanica e á Physica!!

O sr. João José de Mendonça Cortez, Bacharel em Direito, applicou com feliz exito a electricidade ás locomotivas, e realisou assim os sonhos que os homens scientificos do seculo reputavam ephemeross!

O espaço fica assim limitado a um ponto mathematico; e as distancias, domadas entre as gaiolas craneanas do sr. Mendonça.

O auctor da descoberta lá se foi de longada para Lisboa pedir ao Governo o *brevet d'invention*.

Desde já congratulámos o sr. João José pelo bom achado que fez, e felicitamo-hemos mais, quando soubermos que o invento lhe sahiu sem tolheita.

Radiou mais, nos horizontes de Coimbra, a estrella scientifica dos—Preludios litterarios—jornal, de que é digno redactor o sr. V. da Silveira.

Arcando com fadigas, mas vencendo sempre; debatendo-se em desgostos, mas sem desmorecer nunca; o illustre redactor segue sempre a rota que lhe marca o mappa do progresso litterario.

Não desdenhando dos demais escriptos alli exhibidos, bem pelo contrario esmando-os como productos de collegas nossos, lemos sempre com prazer o—estudo sobre as poesias de Schiller do sr. Alves Matheus.

Este escriptor revela, nas mais diminutas phrases, as prendas d'um verdadeiro critico. Retrilhe pois s. s.^a o terreno já tão bem arroteado, que lhe auguramos um propicio futuro.

A crinoline passou de moda.

Os ultimos figurinos de París não vieram já, d'esta feita, arreados co' as albardas balofas, que não podiam ser senão parto da intelligencia enfezada de rachitica modista.

Publicamos com a noticia um soneto, ao qual achamos um merecimento condigno ao do seu modesto auctor.

Eil-o:

Quando vejo uma lesma empavonada
Vir de saia-balão toda espavento,
E as velas todas desfraldando ao vento
De vento em pópa reduzir-se a nada;

Lembra-me ver sardinha alcachofrada
Apostrophando ao humido elemento:
—Se faz favor deixar tomar assento—
Arrotando-lhe postas de pescada.

Fico a olhar assim como um pateta,
E a pensar no tal *corrente rota*...
Horacio, digo, Horacio era propheta.

Mas eu não sou tambem nenhum idiota
Que não saiba que cauda de cometa
Certo e sabido, gambia de gaivota.

Chegou a esta cidade o sr. Antonio Ayres de Gouveia.

Conhecido no paiz como um dos mais inestimaveis, e conspicuos talentos, que magnificam as letras patrias; e esmado pela Academia como o mais esmerilhado genio que a enrica, o sr. Ayres regressa d'uma viagem scientifica pela Europa, e vem ora cursar o 6.^o anno da faculdade de Direito.

Pela nossa parte congratulamo-nos d'esta boa dita; porque consideramos o sr. Ayres como mestre, ainda que com boas razões s. s.^a se correrá do discipulo.

Coimbra Outubro

VICTORINO DA MOTTA

Expediente. — Por motivos estranhos á redacção d'este periodico, não pôde este sair a lume, como se prometteu, em formato identico ao da *Revista Contemporanea*, periodico redigido em Lisboa pelas illustrações mais dilectas do paiz. A redacção do ATHENEO, porém, meticolosa pela observancia dos seus compromettimentos, na impossibilidade de os cumprir á risca, afanou-se por que a substituição primasse em melhora. E cré ella que se lhe não baldou o justo empenho.

O ATHENEIO

A. F. de Castilho

PERIODICO MENSAL, SCIENTIFICO E LITTERARIO

PRIMEIRO ANNO

30 de Novembro de 1859

N.º 2

SUMARIO

- | | |
|---|---|
| Carta ao sr. A. F. de Castilho , por J. C. Vieira de Castro. | Fragmento , por Agostinho da Rocha. |
| Meditações , por A. A. | Poesia , por João de Deus. |
| Antonio Nunes Ribeiro Sauches , por Camillo Castello Branco. | Alcyna, romance , por José Cardoso Vieira de Castro. |
| | Chronica , por A. Victorino da Motta. |

O ATHENEO

PERIODICO MENSILE SCIENTIFICO E LETTERARIO

PARIS 1821

30 de Dezembro de 1821

1. 2

CONTENIDO

Carta ao Sr. D. J. de Castello, por J. L.	1.
Noticia de Lisboa	2.
Noticia de Paris, por J. L.	3.
Noticia de Londres, por J. L.	4.
Noticia de Roma, por J. L.	5.
Noticia de Veneza, por J. L.	6.
Noticia de Florenca, por J. L.	7.
Noticia de Genua, por J. L.	8.
Noticia de Pisa, por J. L.	9.
Noticia de Livorno, por J. L.	10.
Noticia de Ancona, por J. L.	11.
Noticia de Brindisi, por J. L.	12.
Noticia de Bari, por J. L.	13.
Noticia de Taranto, por J. L.	14.
Noticia de Gallipoli, por J. L.	15.
Noticia de Otranto, por J. L.	16.
Noticia de Ugento, por J. L.	17.
Noticia de San Severo, por J. L.	18.
Noticia de Vieste, por J. L.	19.
Noticia de Canosa, por J. L.	20.
Noticia de Bitonto, por J. L.	21.
Noticia de Mottola, por J. L.	22.
Noticia de Lucania, por J. L.	23.
Noticia de Basilicata, por J. L.	24.
Noticia de Campania, por J. L.	25.
Noticia de Puglia, por J. L.	26.
Noticia de Calabria, por J. L.	27.
Noticia de Sicilia, por J. L.	28.
Noticia de Sardinia, por J. L.	29.
Noticia de Corsica, por J. L.	30.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. A. F. de Castilho.

Permitta-nos v. ex.^a que honremos com o seu alto nome a primeira pagina d'este pequenissimo livro. É aqui onde nos cumpre agradecer as lisongeiras phrases com que v. ex.^a se dignou de acolher esta pobre folha, nascida, ao que parece, debaixo d'uma má estrella; pois que por cá lavra ainda com muita força aquella maledicencia amiserada, cujos vituperios tanto honraram já o auctor do *Methodo Portuguez*. V. ex.^a promette-nos aproveitar a primeira monção de engrandecer este jornal com um dos seus mui valiosos escriptos, e nós tomamos por opportuno o ensejo de embalar desde hoje os leitores do *ATHENEO* n'uma esperança, que lhes ha de desabrochar em felicissima realidade.

Honra-nos sobremodo o convite que v. ex.^a nos faz de associar o pobre e humilde do nosso nome aos muitos dos excellentes commentadores com que têm de saír a lume os *Fastos de Ovidio*. Se, a despeito da melhor vontade, a demasiada estreiteza dos nossos conhecimentos nos deixar cá muito atraz da importancia do assumpto que nos foi dado para dissertar, compensaremos essa falta indicando a v. ex.^a aquellas das mais solidas reputações que d'aqui o podem coadjuvar em obra de tal tomo.

D'entre academicos podemos já assegurar a v. ex.^a a digna colaboração do distincto traductor de Tibullo, Antonio Ayres de Gouvêa, de quem v. ex.^a nos fala especialmente.

Perante os nossos collegas na redacção do *ATHENEO* cumprimos as differentes missões de que v. ex.^a houve por bem encarregar-nos; e n'este momento curamos nós de dar mais amplo cumprimento á parte confidente da carta de v. ex.^a

Coimbra, 20 de Novembro de 1859.

De v. ex.^a

Admirador e criado obrigadissimo,

José Cardoso Vieira de Castro.

MEDITAÇÕES

(S. João da Foz — Outubro de 1859)

1.



uem póde contemplar-te, ó humanidade, sem sentir tédio da vida?

Diante de nossos olhos, passa a corrupção faustuosa, e alta-neira de insultantes galas.

Estorce-se pungida a alma, ou expede um grito blasphemo, vendo no escuro do quadro a desgraça escarnecida pelos canibae da civilisação. Já que pois acolhes, ó mundo, a infamia com brandura, acceita agora a impiedade que só tu fazes.

Aos quinze annos, ha o acordar d'um sonho angelico. Buscam nossos olhos avidos a luz que os infeitiça; rico d'opulencia desabrocha o coração, e em si recolhe maximas do bem que custam annos a destruir.

N'essa idade feliz, a primeira das virtudes é a obediencia. Trespasam-te a um homem repulsivo quando mal conheces a magnitude do sacrificio e o valor da mercancia.

Quando te é dado comprehender a melancolica existencia, a que te condemna a cubiça previdente d'um pai cuidadoso em demasia no porvir de seus filhos, é já tarde...

Possa Deus escutar a prece da victima e não levar-lhe em conta amarga as lagrimas de sangue que me tem envelhecido a face e não podem lavar d'ella a lama que a sociedade me cospe.

Desalento! Os dias correm escuros e desconsolados sem que um raio d'espe-rança os avivente. Lucto com as trevas, e o meu espirito levanta-se radioso, sorve a existencia n'um manancial de gosos, electriza-se d'uma excitação pe-

rèune, que é como a recompensa, grande e portentosa, de dores profundas e insondáveis.

Pareceste-me sublime, ó caridade. Voei por perto do céu com as tuas azas d'anjo. Afastada das galas do mundo, procurei o mundo dos andrajos, praticando o bem sem ostentação, e humildando a grandeza que conheci.

A mão, que aconchegava a nudez e afagava o orphão desvalido, estendeu-se até á encherça do inferno. Com o balsamo refrigerante das chagas do corpo, levava a uncção da fé, que cicatriza as da alma. Conheci sensações que tem de si alguma coisa celestial.

É que eu dava ao proximo o amor de irmã extremosa, e aos meus uma parte grandiosa da purissima essencia da minha alma.

Pobre mulher!...

Este orbe de pura luz, que a rodeiava, converte-se de repente em luz infernal. Tanta lagrima que enchugara, a benção de tantos labios puros, tanta oração fervente não bastaram á redempção do anjo cahido.

Atterrada pela culpa, interroga-se em sua consciencia e crê que é forçosa a expiação. A descrença infiltra-lhe um veneno corrosivo. Morre a fé e surge a desesperança, delindo-lhe na alma a palavra Deus. Ao ancian da attribulação responde o riso insultador do Lucifer despenhado.

O estridor da procella da alma casa-se com o tripudiar das bacchantes que a injuriam... Cae-lhe a alma vergada ao peso da ignominia. O espirito da inveja triunfante urra o hymno das victorias a cada contorsão da infeliz, a cada esgarro que o mundo lhe cospe, a cada espinho doloroso que lhe incrava na frente.

Ó mundo, tu não tens uma palavra de pai a quem te deu thesouros do coração, e outros que tu mais prézas.

Ó religião, tu abres os braços para esmagar os crédulos que te fantasiaram um refugio no desvalimento. Ao primeiro toque do infortunio, cahes alquebrada sob o peso de tua gelida inercia. A teu lado erguem-se triumphaes o crime e o roubo; e a ingratição galardoada pelas felicidades da vida é um desmentido á tua legenda do amor do proximo...

Perdão e misericordia para a infeliz, Senhor!

Acaso tu não podes ser Deus!...

Em frente d'esta magnificencia, d'este sumptuoso fausto da natureza, a alma, desfalecida no ingreme pendor do Golgotha, sente rejuvenescer a crença purissima da religião, haurida em dias d'innocencia dos labios estremecidos d'uma mãe.

Eleva-se o espirito ás regiões desconhecidas d'aquelle que em vão cavou no ouro a felicidade.

«A desgraça faz o impio.» Ouvi-o d'uma bôca que respeito, mas desminto-o

porque não ha ahi triaga que o meu calix me não entornasse no amago do coração; e eu sinto o extasis quando contemplo as grandezas que o Senhor apresenta ás nossas vistas, e que passam desapercibidas e invisiveis para muitos.

Este soluço do mar é melancolico como o viver d'infelizes... Recordar é viver e morrer n'uma só dôr.

Era bello o jardim das minhas esperanças, affagadas na virgindade do coração. Eram formosas e tão frescas aquellas flores, que eu colhi na embriaguez d'um só dia! Arrobaba-se-me a alma ao infinito, pagava-se do infadado viver de oito annos, de oito seculos de escravidão forçada, acceita, e acatada pelo mundo... Sentia interiormente o calor suave da paixão humana e dirigia a Deus uma oração, linguagem mixta de agradecimento e de receio.

Alem rugia a tormenta das ambições e da inveja exacerbada. Já a meus ouvidos chegava o grito de exterminio, o tigre recurvava as prezas para a victima inoffensiva. N'aquelle horto afflictivo erguia supplices mãos ao Deus poderoso, e dizia como o Christo: «perdoai, Senhor, aos atozes do seu proprio sangue.» Remi as culpas da peccadora pela abnegação e humildade.

O coração da mulher privilegiada é um sanctuario esplendido que se não devassa; mas que ella faculta com evangelica caridade, esquecendo a sua propria dôr.

Homem sem alma, mulher vaidosa e vulgar, segue o teu caminho empedrado com a talha miuda que deixa aos teus pés mimosos o gosto de recalcal-o; não pares diante do vulto magestoso do verdadeiro infortunio. O insulto sandeu da vossa piedade é um ultrage aqui onde sobejam incentivos espirituaes que me erguem acima do vosso lodo recamado de flores em que se respira a morte.

A doutrina seguida aqui ensina a affrontar os felizes da fortuna com o olhar da bemaventurança que nos dá a consciencia do opprobrio immerecido. Deixai passar alguns dias mais e as feras hão de espedaçar-se umas ás outras, e a justiça de Deus será patente aos olhos dos que hoje, blasphemos, me condemnam em nome d'Elle.

Paciencia e esperança.

A. A.



ão d'uma senhora as paginas ante-escriptas.

D'uma martyr fôra melhor dizer.

Se não rastreaes por lá o acerbo transsumpto d'uma alma que se estorce em penas, ou o raio da indiferença queimou já por sobre as crenças do vosso coração, ou para elle jaz sepultada nas nevoas do futuro a luz do sol que tem de radiar-lhe calor e alentos na corolla das esperanças por abrir ainda.

Em todas essas linhas não ha uma palavra de excepção, que não seja uma synthese de provadas agonias, um compendio de pungitivos pezares. Notas, umas tristes, desesperadas outras, de lyra que só aprendeu a chorar n'um longo tirocinio de lagrimas, reboam n'alma de afflictos como balsamo de angustias que melhoram e saram no segredar de tão gratos queixumes.

Ha tristeza, muita tristeza, n'aquillo tudo. É sempre a luz d'um sentimento que não queima, allumia; é sempre a chamma d'uma paixão que não abraza, aquece.

Se vos magoou o atrevido d'uma imagem, relevai-lh'o, a ella, pelos tantos mysterios d'uma longa historia de desventuras.

Não a desampara nunca o anjo dos infelizes.

O coração vem logo a chorar arrependimentos sobre a incomprehendida culpa, e a supplica affervorada da misericordia divina delê o culposo vocabulo.

Perdoai-lhe pois vós tambem, que deveis commiseração ao infortunio que se lamenta; piedade e amor á humildade que exora antes de convencida no erro.

A. A., hostia immolada na ara gentilica de phariseus que primeiro lhe apertaram o coração n'uma gargalheira de ferro, para depois lh'o cuspirem de affrontamentos quando elle, esmagado o jugo opprobrioso, se alasse para um mundo melhor, onde pelo amor de raros lhe cumpria divinisar a affeição typica d'uma nobre existencia que lhe era escrava;— A. A. ganhará em premio de seus sublimados affectos a glorificação d'este mundo que lhe foi horto de espinhos e equuleo de agonias?

Avulta-me do sepulchro das minhas saudades a palavra sentenciosa d'um amigo.

Dizia eu a J. de S. :

«Eu tinha d'antes, por entre as longas noites da minha vida, horas largas de reconcentração amarga em que o escrever me era um desabafo, o carpir-me um desafoço, e o correr das lagrimas me apagava das faces e dos labios as linhas que por lá enrugara a intensidade do padecer.

Transsudava um não sei que de suave n'aquella agonia intima, n'aquelle expansivo e copioso chorar que me dilatava a alma em ancias de estremecido affecto, melhorando-a nas afflicções.

Interrogava-me então a mim proprio se a expontaneidade d'aquelle sentir seria o antegosto d'um mundo melhor onde devia de ser premiada a existencia que expiara n'este mundo as provações d'uma má sina. E sentia-me bem n'aquelle mudo conversar da consciencia com a razão.

Se o peito, desopprimido dos vexames com que o avergavam as conveniencias de falsos e fementidos convivios, batia apressado e livre, é que o dedo mystico do meu anjo custodiou entrebrilhava ao decimo do silencio amigo da minha solidão... a apontar-me o céu. É que o espirito, enebriado de novo com o leite da primeira oração, soletrada na antemanhã da existencia, sorria ás visões d'uma promessa feliz, e adorava, em transportes de jubiloso amor, o Deus dos tristes, que elle preadivinava sem comprehender ainda.

Hoje... nem sequer me resta já essa venturosa cerração por onde eu phantasiava mundos de esperanza.

Correu-se-me a derradeira nuvem pelo céu das minhas queridas ficções.

A realidade matou o sonho.

Vinte e quatro seculos de pungir acerbo por vinte e quatro horas d'um goso indefinido.

Por um dia de primavera, quantos annos de pezado e tristissimo inverno!»

A estas exclamações o meu amigo fitára-me com uma piedade que esti-

mulou o meu amor proprio. E como resalva de indemnisação ao mau olhado, deu-me um conselho e disse-me assim;

— Guarda para ti essas confidencias, que me revelaste.

Livra da contagação dos leprosos a *purissima essencia* d'essa poesia, que incubaste nos thesoiros da tua phantasia.

Encellada lá, poupas-te um desengano tremendo!

Se a repetiras áquelles com quem vives, e que simulam mutuar affectos contigo, sacudiam-te ás faces o lodo da injuria, e nas ruas, quando por lá te acotovelasses com elles, assobiavam-te ao ouvido uma cascalhada mais infernal que o zumbido do escarneo nos labios mephiticos da mulher do alcouce.

Respeita, amigo, as prophcias d'uma razão envelhecida no soffrimento e na experiencia,—se não resumem essas duas palavras uma só ideia de martyrio, infinito, immenso.—

O meu amigo, se deparasse com a desgraçada authora das *Meditações*, a escrever o diario triste das suas magoas, conduzia-a certo ao cucuruto dos fragedos, aonde ella costuma ir a conversar com Deus, e incampava-lhe outra maxima afinada por este tom:

«As lagrimas que v. ex.^a vem aqui chorar, minha senhora, de cima d'este rochedo, descem a abraçar-se para todo o sempre nas vagas d'esse mar que além se remoinha e apruma para vir aqui desfazer-se-lhe aos pés em rasgados arminhos. Arrastadas e impellidas na voragem, confundem-se, condensam-se nos vagalhões de exterminio. E amanhã, quando a v. ex.^a fôr impossivel o revocal-as ao coração que as germinára, já exausto da ultima gotta d'esse balsamo, que vem oscular-nos as faces como caricias posthumas de mãos amigas, de ha muito escondidas na noite dos sepulchros, quem sabe se ellas, n'uma hora de tremenda condemnação, debatendo-se, enovelando-se, se elevam e se ingrifam tambem para despenhar-se sobre as afogadas tribulações de naufragos que estrebucham nas vascas d'uma morte maldiçoada?

«Estas paginas que v. ex.^a escreve, minha senhora, perdôe-me dizer-lh'o, que vai n'isto o seu elogio, não têm menos desventurosa sina que as suas lagrimas: se as confiar da sociedade, que a condemna para engrandecer o opprobrio, ella ha de rasgal-as, fustigal-as, espedaçal-as, para que, depois de polluidas na sua sentina de podridões, valham tambem a avolumar o repertorio de injurias bláspemas com que vae a reerguer-se de novo, mais insultante e mais audaz, a grita descomposta do vulgacho ignobil e da canalha infamada.»

Se A. A. se doesse da franqueza do meu amigo, J. de S. tomava-lhe naturalmente das mãos, beijava-lh'as, e n'esse beijo, casto como a oração dos oito annos, repetia-lhe essas duas notas, de desalento e fê, em que se fecha a sua Meditação:

— Paciencia e esperanza. —

VIEIRA DE CASTRO

ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES

... com altos dons, o céo gracioso
Te enriqueceo o coração, o ingenho;
E foste util aos tártaros gelados,
E á muito ingrata Elysia.

.....
Mas não morrerás todo. A melhor parte
De ti, nos versos meus; será eterna;
Tens de ser celebrado, enquanto as letras
Tiverem amadores.

F. ELYSIÔ — *Ode a A. N. R. Sanches.*

Francisco Manoel do Nascimento, cimentando no amor ás letras o padrão immorredeiro do erudito Sanches, esqueceu-se que fallava d'um portuguez e com portuguezes. Se o homisiado cantor, tão relevante gloria da patria, olhasse em si o fadario triste do ingenho desabrochado á luz d'este inhospito clima, agourara ao sabio medico o olvidio posthumo, consequencia rigorosa da desvalia em que os seus conterraneos lhe tiveram a vida, prestantissima aos estranhos.

Raros amadores das letras patrias conhecem hoje ahi Antonio Nunes Ribeiro Sanches.

Já cêrca de oitenta annos desdobraram por sobre a lousa modesta do sabio o véo opaco de que nós, lidadores infadigaveis do visivel e do palpavel, não curamos de tirar um raio de luz para alumiar as escuridades da nossa pobre historia litteraria. Como se fôramos opulentos e sobejos de diamantes de espirito, desdenhamos os de maior quilate, se antes nos não tolhe a vergonha il-os buscar entre o lixo de que os coevos os cubriram.

Vergonha é de certo tomarmos de emprestimo aos fastos da sciencia do imperio russo, e ás noticias bibliographicas de escriptores francezes o bosquejo do honroso e magnifico preço que um portuguez grangeou em diferentes provincias do saber humano, com penosissimo lavor.

Temos á vista o elogio do doutor Antonio Nunes Ribeiro Sanches, vertido do francez de *Vicq d'Azir* por Filinto Elysio. Quer-nos parecer que seria de sair e offender o leitor mediocrementemente entendido nos bons escriptos, pôr em dúvida o ser-lhe conhecido aquelle elogio, trasladado para os volumes do mestre da lingua, já agora restaurado pelos amantes d'ella, como veio inexhaurivel de joias para os que destramente sabem joieiral-as.

Para o nono volume das obras de Francisco Manoel do Nascimento (ediç. de 1819 — *Paris*) remettemos os menos descuidados, que não tiverem de memoria os traços essenciaes da biographia do douto varão, de quem *Vicq d'Azir* escreve estas memoraveis linhas:

«Um homem fraco de compleição, de melindrosa saude, de indole não só branda, mas acanhada, ardente no estudar, sem desejo algum de que o pregôe a fama, com despego das riquezas, e maior despego ainda de enredos, e de negocios; enceta uma carreira, cujas fadigas, cujos perigos lhe eram occultos; corre os gelados climas do norte, presencêia as mais sanguineas guerras, e com distincto prestimo acode nas mais desastrosas epidemias: bem succedido assoma ás mais brilhantes côrtes da Europa, onde o cumulam de honras; até que, compromettido em querela de réis, tudo perde nas vagas da tormenta, e o que é mais — até chega a desconfiar na vida: a fortuna, porém, que antes quiz doutrinal-o que affligil-o, lhe restitue o repouso, por que melhor os quilates lhe avalie, passados os revezes. Nem cahiram em vão, por esta vez, as lições da experiencia, e as da desgraça.

«Abrigado das refregas, estimavel pessoa, descansado vive, recorda o que observara, e o põe por escripto, ou dá-o á luz; e então morre, quando tinha longamente dado em si o modelo da beneficencia, e o da virtude. Tal é o resumo historico que hoje hei de traçar.»

Não podêmos haver á mão um outro resumo historico da vida do doutor Sanches, por Mr. Andry. D'este diz o biographo acima copiado: que tão do coração elogiara elle o insigne medico, que lhe pesava, elogiando-o depois, não poder equiparal-o na excellencia da phrase.

Visamos a outro scopo. O da biographia deixamol-o a mais abalisados e pacientes investigadores. Fallecem-nos os noticiarios historicos, e até os conhecimentos especiaes para cabalmente apreciar os escriptos scientificos do sabio que hobreou com Falconnet, Buffon, e Boerhaave, tres luminares de sua epoca, e tres dos seus amigos de toda a vida (a).

Por bem pago se daria do seu trabalho aquelle que tomasse a peito dar-nos

(a) Boerhaave foi mestre de Sanches por espaço de tres annos. Sabendo, alfm, o mestre que o discipulo era já graduado em Salamanca, e praticara a medicina em Benavente (onde fôra medico dos pobres), obrigou-o ao reembolso das propinas escolasticas. Falconnet acolheu-o e facultou-lhe a sua vasta livraria em Paris.

Buffon, elogiando-o, no 3.º vol. da Hist. Nat. estampou os esclarecimentos que houvera d'elle.

com vagar e proficiencia a historia do Dr. Sanches, ladeada com os episodios por que ella se trava aos successos politicos do seu tempo. Explicar o enojo que se lhe fez na alma, ao desterrar-se da patria sob pretexto de ir beber a sciencia ás fontes caudaes, quando o medo da inquisição, e não outro motivo, o homisiava, seria assumpto de grande porte para os que aparam a penna em justo agravo dos máus politicos, e blasfemos fautores da religião, que sopeavam o ingenho, ou o abarrancavam entre a polé dos dominicanos e as angustias da expatriação.

Diziamos que era outro o nosso intuito n'estas linhas com que prefaciamos a publicação d'um escripto inedito do Dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches.

Sôbre negocios de Portugal, acham-se estampadas duas obras d'elle, as de maior pulso e mais prestadias que merecem nota especial entre outras não dadas a lume (a).

Esta, cuja publicação agora inceta o ATHENEO, vem intitulado com este promettedor frontispicio: *Plano sôbre a forma com que se devem restabelecer as escholas e restaurar os bons estudos. Apontam-se as causas da sua decadencia.*

Temos como apocripho este titulo, porque o achamos escripto em letra diversa do opusculo, sobre página intrusa, com a seguinte nota na margem inferior: *Este papel está incompleto, mas é de muito merecimento.*

Se esse argumento não bastasse á nossa duvida, decidir-nos-hia á negativa da authenticidade do titulo a leitura da obra. O que n'ella se nos depara é a historia dos estudos na Europa, com a da sua decadencia procedente da viciada origem do methodo de ensino. O plano de reforma estava de certo na mente do escriptor, e isso mesmo se infere d'alguns artigos que prendem com aquell'outro tractado, artigos que promettem largo discursar ácerca de reformas, e cuja perda não é muito para lastimar, attenta a invalidade d'um plano de estudos feito no seculo passado, se d'elle houvessemos de respigar algum conselho para os estudos d'este seculo.

É, pois, certo que decretada, no reinado de D. José, a reforma dos estudos, Antonio Nunes Ribeiro Sanches, residente em París então, foi consultado pelo Monsenhor Salema ácerca dos melhoramentos não previstos ou delineados no Alvará.

A este honorifico convite respondeu o erudito portuguez com uma Memoria em forma epistolar, repartindo por duas cartas o assumpto vasto em que se empenhára o seu muito saber e patriotismo.

(a) •Tractado da conservação da saude dos povos, com um appendix de considerações sôbre os terremotos, e noticias dos máis notaveis, de que faz menção a historia, e dos últimos, que se sentiram na Europa, desde o 1.º de Novembro de 1755.

•Methodo para apprender a estudar a Medicina, illustrado com os apontamentos para estabelecer-se uma universidade real, na qual deviam apprender-se as sciencias humanas, de que necessita o Estado civil, e politico.

Na carta, que vamos dar completa, propõe-se o autor *patentear não só uma succinta historia da educação civil e politica que tiveram os christãos catholicos romanos até os nossos tempos, mas tambem uma noticia das universidades com a da utilidade ou inconvenientes que d'ellas resultaram ao estado civil, politico, e á religião.*

Não nos cabe encomiar de antemão a obra para acarear a curiosidade. Affigura-se-nos que os carecidos de estímulos para a lerem, nem incitados a leriam. Os que de boa feição se entregam a leituras graves, dispensam-nos os gabos á laia d'aquelles com que os editores usam de embair a credulidade ou afervorar a indifferença do que ha de mercar a coisa.

Digamos, porém, com destemor dos que tudo sabem e por tudo juram dos livros francezes, que, havendo lido alguns capitulos de Guizot, correlativos á historia da educação e instrucção pública da França, durante o correr da monarchia (a), pareceu-nos que o eminente estadista francez não escavou por tão fundo e largo, como o nosso Sanches, nos alicerces do velho edificio do ensinamento, as causas que o derruiram, e os erros de architectura que importava corrigir na recomposição.

(Segue no 3.º numero a carta de A. N. R. Sanches.)

(a) De l'instruction publique en France.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

FRAGMENTO

Em Janeiro de 185... acantoava eu duas folhas de papel Bath entre preciosidades, cujas algumas não viram, nem verão a luz da publicidade. Unico patrimonio que me coube na *justa* divisão de propriedade das coisas d'este mundo, tenho-o arrecadado com o solícito dessocego do avaro.

Era uma carta d'amigo que abracei aos dezeseis annos com o expansivo entusiasmo de que se é capaz n'essa idade. De maravilha, deixamos de sentir semelhantes emoções, quando em terra peregrina se encontra algum dos que nos deram horas de innocentes brinquedos em alborque da primeira illusão da adolescencia.

Esta mutualidade de pueris alegrias é o preludio da amizade. Mais tarde, traduz-se n'uma estreita sympathia de sentimentos e instinctos, e manifesta-se por tudo que ha de mais sublime na dedicação e sacrificios.

Que alegria não póde ser tamanha
Que achar gente visinha em terra estranha!

disse Camões. E é assim. Coimbra era-o então para mim, então que pela primeira vez batera azas do ninho meu paterno, e fôra ali a estudar preparatorios.

Decorreram quatro annos em reciprocas confidencias, singellos entretenimentos em que espareciamos do abhorrimto que vem aguar o viver dos que tem de sobraçar Waldeck ou o Cavallario.

No anno seguinte, Henrique de Sá teve de sahir de Coimbra. Aquella robusta compleição começou de dar symptomas de padecimentos pulmonares. A pathologia capitulara a enfermidade de tysica no primeiro gráu: a therapeutica recomendara-lhe que se affastasse d'aquella cidade.

Era peremptoria a decisão da sciencia. Importava, pois, obedecer-lhe.

Despedimo-nos n'um abraço.

As lagrimas, suffocando-o, triumpharam no pleito que travaram com as palavras.

Fiz por serenar-lhe a celeuma que lhe ia lá dentro. Debalde. Disse-lhe tudo que me inspirára a amizade, como conforto e consolação áquellas angustias que lhe eu sentia. Fiquei surprehendido, quando lhe vi, como corôa de meus exforços, um sorriso que seguiram estas palavras, as ultimas que me disse: — Morro por aquella mulher! Que m'o não agradecesse; mas, se, ao menos, comprehendesse o sublime d'um sacrificio inglorio... Os cavalleiros que na idade media se atravessavam em justas e torneios... para morrer, não careciam, como eu, de tanto valor e não sei até se de tanta dedicação!... Adeus. —

Aquella mulher era Eugenia da Silva, a de que se falla n'essas linhas.

Isto fôra em 1857. Hoje, H. de Sá occupa sete palmos de terra na ilha da Madeira, onde fôra a tomar ares.

É que as affeições, que se encendram no crysol de soffrimentos como este, levam á sepultura.

A carta de Henrique dizia assim:

«Aqui tens um fragmento do meu livro intimo. É uma página do meu album, escripta com o sangue do meu coração, na insomnia d'uma noite não dormida. Ahi a tens. Não vês n'ella as lagrimas que se vertem aos vinte annos, que é arido, de marmore, este coração juvenil. Eu chorara-as, se as tivesse, porque dizem que as lagrimas são fel de que se expurga o coração. Vertera-as, que Byron, Chateaubriand e Goethe tambem choraram nas páginas de Werther, *René* e Manfredo. Chorara-as, que ...

Lê:

— Eugenia ...

E eu fui, no fervor d'uma apothese delirante, adorar-te como o idolo sagrado da minha alma!

Tu és... o que és tu para mim?! Como te involveste n'esse involucro d'anjo, espirito do demonio?!...

Linda como o primeiro sonho da juventude, vejo-te na minha phantasia com a admiração e assombro que me incutem estes quadros de Corregio! Essa expressão de profundo sentimentalismo; esses traços tão irreprehensivelmente perfectos, rivalizando com os typos de Phidias e Praxitelles; esse luxo de organização exterior, recordando os mythos creados na imaginação de Homero; essas formas artisticamente voluptuosas, envolvidas n'uma robe negra, comprida até tocar sensivelmente o pavimento, larga desenhando levemente os contornos admiraveis d'esse todo, moldado pelo marmore de Galathea; foi assim que te vi, n'essa noite em que te amei como se fôras um anjo, e te odiei como se odeia um demonio!

Estavas recostada sôbre o parapeito d'aquelle passeio em que, tantas vezes, te vi, com a face sôbre a mão esquerda, e os olhos mergulhados na espessura dos cyprestes que dominam, lugubres, as campas d'aquelle cemiterio que alem está!

«Em que scismavas, Eugenia?»

E uma lagrima te assomou nas palpebras, e escorregou nas faces, mystica, silenciosa e timida! Senti essa lagrima queimar-me no coração!

Depois, ergueste os olhos, fitaste a lua que fulgia no infinito do espaço, mais palida que a tua fronte, e sorriste! Então, eras sublime! Sorriso e olhar, deu-l'os a Virgem de Murillo, arrobada ao Emyreo pelos archanjos!

Amei-te... e quem te não amara?

Eloa, dando ao amante a sua grinalda de virgem n'aquelle *és tu content* de sublime dedicação, não tinha no seio tanta poesia e amor, como tu, Eugenia!

E não adivinhaste que, a alguns passos de ti, estava um homem, na mais intima concentração do seu espirito, admirando-te no teu extasi que não comprehendia?...

Esse homem.....

E sorriste como devem de rir os demonios! Uma gargalhada infernal, gelida como uma lousa, desoladora como o atheismo, maldita como satanaz, veio matar-me na mais sancta e acrysolada de minhas affeições!

Lelia, desdenhando com glacial estoicismo a paixão ardente de Stenio, se te visse, teria horror de si mesma!

Odiei-te, destestei-te com todo o rancor d'esta alma de condemnado! Amaldiçoei-te como os precitos maldizem o Eterno no abysmo insondavel d'uma perpetuidade de tormentos!

Hoje, a minha vida é a preexistencia do inferno! Como o poeta de Lelia, eu sou mil vezes mais desgraçado que Fausto. O heroe de Goethe chegou, nas suas improficuas lucubrações, ao scepticismo do espirito: eu toquei o mais desolador, — o scepticismo do coração!

Fausto guarda no seio o thesouro de fervidas affeições, creadas sob o pó dos livros, sopitadas em quanto velava a intelligencia; mas, quando cançado de buscar a perfectibilidade, este martyr do pensamento maldiz, renegando, o Eterno, Deus pune-o, entregando-o a satanaz que o ludibria, mas reanima e rejuvenesce; e Fausto, o philosopho encanecido na solução d'um problema que não resolvera, volta, remoçado, á vida, e ama Margarida com os extremos d'um coração juvenil!

Fausto foi maldito de Deus, e eu quizera ser maldito como Fausto.....

Eugenia! horrorisa-te a blasfemia? Nunca ouviste esta linguagem? É a linguagem da desgraça... e eu toquei a extrema de todas, subindo até aqui na escala infinita dos soffrimentos!

E póde assim viver-se?

Frei Vasco será um mytho creado na phantasia d'um genio? o presbytero de Cartêa é um problema resolúvel na methaphisica do sentimento?

E eu, Eugenia.....

Lêste? É uma página do meu livro intimo, disse eu: é mais, — é uma fibra d'este coração,

Pelo mundo em pedaços repartido.

Quando me cahiu da mão a penna que escreveu essas linhas, passou-me na mente uma ideia que me escaldou o cerebro. Mas, passou rápida, que era covarde,—ou talvez sublime de mais, para não ser repellida pela minha intelligencia.

Gilbert, Chénier, Gerard de Nerval e Chatterton suicidaram-se: e o mundo riu-se dos suicidas que fez!

É que esta sociedade, meu amigo, estúpida bastante para não conceber estes lances da vida, é cynica de sóbra para rir do que não comprehende.

Dá que assim falle, que não posso soffrear os impetos d'uma insoffrida iracundia.

Quero protestar, em nome do sentimento e dignidade de homem, contra o sordido materialismo d'um seculo em que os phariseus da hypocrisia velam as faces, se se lhes abre um coração; ou qualificam de immoral e torpe a mais singella expansão d'uma alma de vinte annos.

A bestial contumelia do alvar que se ri, quando se lhe falla d'estas coisas, não me enoja, nem indigna tanto como a impostura sandia d'esses *tartufos* ignobeis.

Não me leves em mal esta linguagem, meu amigo. Se deslembrei cordatas reflexões que muitas vezes me fizeste, cré que foi n'um momento de justa indignação.

Perdôa-me tu, se alguma coisa te merece ainda o teu

H. DE SÁ.

Agora, duas palavras. Não se appresentam com o titulo opulento de—juizo critico—, que isto de critica e juizo são mercancias que raro apparecem no mercado d'este mundo:

Ha ahi quem acoime de immodesto o intuito com que se dá isto á estampa? Póde alguém achar n'essas linhas visos de pretensão a estylo byroniano que mal vá com a epocha em que amores, só, se descantam ao som de alaúde affectado de boninas, e vibrado pelo assopro d'auras?

Aquelles, se os ha, que os não escandalise a somenos vaidade d'um espirito apoucado que se delicia na posse d'uma coisa que, na sordida almoeda da sociedade, certo não obtem um lance de ceutil.

Os segundos, esses, Torquemadas inexoraveis da critica, que condemnam á polé e ao fogo tudo o que se não vasa nos moldes d'uma ode lamartiniana, querem em cada romance uma Graziella, em cada poesia uma meditação poetica, e esquecem que Lamartine tinha, talvez, de escrever como Byron, se Byron tivesse escripto como Lamartine.

A uns e outros, e só a esses, é que se referem estas linhas.

Villa Real, Outubro de 1859.

AGOSTINHO DA ROCHA

AO EX.^{mo} SR. MANOEL DO CANTO DE CASTRO MASCARENHAS VALDEZ

Così trapassa al trapassar d'un giorno
Della vita mortale il fiore e 'l verde
Nè, perchè faccia indietro aprìl ritorno,
Se rinfiora mai, nè se rinverde.

TASSO.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz, que n'esta vida me guiava;
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráus do tumulo descendo.

Em se ella anuveando, em a não vendo
Já se me a luz de tudo anuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz, que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céu ... se os não sonharam ...
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou ... se m'a levaram ...
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram!

Mas quando no seu collo recinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flor do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz de seus olhos — que era vel-os
E infeitiçar-se a alma em graça tanta! —
Lia na sua boca a Biblia santa
Escripta em letra côr dos seus cabellos;

Quando a linda mão d'ella, pondo um dedo
Em seus labios, de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre áleria,
Dizia ora — silencio, ora — segredo!

Quando como a arveloa — delicada —
E — linda — como a flor, se ha flor tão linda,
Passava como o cisne ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem dourada;

Quando em balsamos d'alma piedosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flor sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço,
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo do amor, que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não ouço!

Quando, se leve nuvem me espalhava
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto
No perfume d'um riso a dissipava;

Quando o ouro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido
— Pomba que de seu par se h'ia perdido —
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Quando o anel da boca, lusidia,
Vermelha como a rosa cheia d'agoa,
Em beijos á saudade abrindo a magoa
Mil rosas pela face me esparzia;

Tinha o céo da minh'alma as sette cores,
 Valia-me este exilio um paraizo,
 Distillava-me a alma um doce riso,
 Debaixo de meus pés nasciam flores.

Deus era inda meu pae! e emquanto pude
 Li o nome de Deus em quanto existe;
 No campo em flor, na praia árida e triste,
 No céo, no mar, na terra e na virtude....

— Virtude — que é mais que um nome
 E uma voz que em ar se esvae,
 Se um riso que ao labio assome
 N'uma lagrima nos cae?

Que és, virtude, se de luto
 Nos vestes o coração?
 És a blasfemia de Bruto:
 «Não és mais que um nome vão.»

Abre a flor á luz que a enleva
 Seu calix cheio d'amor
 E o sol nasce, passa e leva
 Comsigo perfume e flor!...

Que é d'esses cabellos d'ouro
 Do mais subido quilate?
 D'esses labios escarlata...
 Meu thesouro!

Que é d'esse halito que ainda
 O coração me perfuma?
 Que é d'esse collo d'espuma
 Pomba linda!

Que é d'uma flor da grinalda
 D'esses dourados cabellos?
 D'esses olhos? quero vel-os...
 Esmeralda!

Que é d'essa franja comprida
D'aquelle challe mais leve
Que a nuvem, e côr de neve...

Margarida!

Que é d'essa alma que me dêste?
D'um sorriso, um só que fosse,
Da tua boca tão doce...

Flor celeste!

Tua cabeça, que é d'ella,
A tua cabeça d'ouro...
Minha pomba! meu thesouro!

Minha estrella!...

De dia a estrella d'alva impallidece
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

Foste a concha da praia; a flor parece
Mais ditosa que tu!... Quem te ha partido,
Meu calix de cristal — onde hei bebido
Os nectares do céu... se um céu houvesse?

Ah lagrima das lagrimas que choro!
Quem tão — menina e moça — desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos d'ouro?

Some-te, vella de baixel quebrado!
Some-te, vóa, apaga-te, meteoro,
E é só mais n'este exilio um desgraçado...

E as desgraças podia prevel-as
Quem a terra sustenta no ar;
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar!

Deus podia prever a desgraça;
 Deus podia prever e não quiz!
 E não quiz, não... se a nuvem que passa
 Também pôde chamar-se infeliz...

A vida é o dia d'hoje;
 A vida é ai que mal soa;
 A vida é sombra que foge;
 A vida é nuvem que vôa!
 A vida é sonho tão leve
 Que se desfaz como a neve
 E como o fumo se esvae;
 A vida dura um momento!
 Mais leve que o pensamento,
 A vida leva-a o vento
 A vida é folha que cae!

A vida é flor na corrente;
 A vida é sopro suave;
 A vida é estrella cadente;
 Voa mais leve que a ave!
 Nuvem que o vento nos ares,
 Onda que o vento nos mares,
 Uma apoz outra lançou;
 A vida -- penna cahida
 Da aza d'ave ferida
 De valle em valle impellida —
 A vida o vento a levou...

Como em sonhos o anjo que me affaga
 Leva na trança os lyrios que lhe puz;
 Como a luz quando se apaga
 Leva aos olhos a luz!

Levou, sim, como a folha, que desprende
 D'uma flôr delicada o vento sul;
 Como estrella que se estende
 N'essa abobada azul.

Levou, sim; como os olhos d'um amante
 Levam consigo a luz d'um doce olhar;
 Como o ventó do levante
 Leva a espuma do mar!

Levou, sim, como o filho quando expira
 Leva o beijo dos labios maternas;
 Como ao labio que suspira
 O vento leva os ais!

Levou, sim: como leva a mãe seu filho
 E as azas leva a pomba que voou;
 Como o sol leva o seu brilho
 O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso
 Senhor, tu és meu pai!
 E ao filho desditoso
 Não ouves pois um ai!
 Estrellas déste aos ares,
 Dás perolas aos mares,
 Ao campo dás a flôr,
 Frescura dás ás fontes,
 O lyrio dás aos montes,
 E tiras-m'a... Senhor!

Ah! quando n'uma vista o mundo abranjo,
 —Estendo os braços, e apalpando o mundo,
 O céu, a terra e o mar vejo a meus pés—
 Buscando em vão a imagem do meu anjo,
 Solletro á froixa luz d'um muribundo
 Em tudo só «talvez!...»

—Talvez— é hoje a Biblia, o livro aberto,
 Que eu só ponho ante mim nas rochas, quando
 Vou pelo mundo vêr se a posso vêr;
 E onde— como a palmeira do deserto—
 Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
 A sombra do meu ser!



Meu ser voou na aza da aguia negra
 Que — levando-a — só não levou consigo
 D'est'alma aquelle amor;
 E quando a luz do dia o mundo alegre,
 Crysallida nocturna, a sós comigo,
 Abraço a minha dôr...

Dôr inutil! ... Se a flôr, que ao céu envia
 Seus balsamos, se esfolha, e tu no espaço
 Achas depois seus atomos subtis,
 Inda has de ouvir a voz que ouviste um dia...
 Como a sua Leonor inda ouve o Tasso,
 Dante a sua Beatriz...

— Nunca! — responde a folha que o outomno
 Da haste que a sustinha a mão abrindo
 Ao vento confiou;

— Nunca! — responde a campã, em que do somno,
 E quem talvez sonhava um sonho lindo
 Um dia despertou! ...

— Nunca! — responde o ai que o labio vibra;
 — Nunca! — responde a rosa que na face
 Um dia emmurcheceu,

E a onda — que um instante se equilibra
 Em quanto diz ás mais «deixae que eu passe»
 E passou... e... morreu.

ABBYNA

ROMANCE

PRÓEMIO

I

ROMANCE?

Se ROMANCE quer dizer o engaste de algumas scenas concatenadas no mesmo quadro pelo imaginoso d'uma phantasia mais ou menos opulenta de invenção e ouuropeis de phrase, outro nome cumpre á historia que dou a lume.

E ROMANCE poderá ser nunca a mentira que se retráe nos oucos d'uma phrase esconsa, que se rebuça nos faustos d'um estylo pomposo e florido?

Tantos poemas de lagrimas, tantas historias desgraçadas, tanto cardume de esperanças, rociadas ainda hoje pelo orvalho amigo de promessas lisongeiras, já manhã desmaiadas aos queimores de pungentes desenganos; tantas alegrias e tristezas, tantos contentamentos e pezares, desunindo-se e abraçando-se logo sob a influencia constante d'uma fatalidade caprichosa, será tudo isso pura chimeras da idealidade, á qual a experiencia refusa a sua incontrastavel cancella?

N'esse testamento de todos os seculos andarás apenas a simples apothecose de meia duzia de homens que se remontaram á realeza do genio, ou antes o daguerreotypo moral da sociedade que os viu nascer e que passou com elles?

Á parte as monstruosidades informes de alguma musa arrepelada, que se compraz ainda no crear engoiado de arripiadas imagens,— cada livro de cada seculo, e individualmente o romance, archiva uma verdade.

E porque a eterna buena-dicha de todos os tempos foi primeira escripta com lagrimas, triste ha de ser tambem essa verdade; triste o canto do primeiro homem que a historiar, triste, sempre triste, porque, falando no estylo de Chateaubriand, os nossos hymnos choram, ainda quando entoados pelas veigas d'um venturoso recesso.

Por consequencia:

O livro d'um poeta é sempre ou o epilogo d'uma vida desgraçada, ou o prefacio d'uma realidade dolorosa;

O poeta e o romancista serão em todo o sempre os primeiros, os unicos, os verdadeiros historiadores do crer e sentir do seu seculo.

Não fallo da historia que se contradiz nos calculos d'uma falsa arithmetica de datas mal combinadas. A historia não é isso; a historia é a vida dos homens celebres; é a ascendencia progressiva do pensamento humano para as altas regiões da sua aspiração infinita.

A historia é Victor Hugo, é Shaskpëare, é Walter Scott; não é Jean de Troyes, nem Froissard, nem Philippe de Comines.

CAPITULO I

Os amphigouris da critica — Um sonho nos 15 annos

I

Deponho, humilde como Isaac, nas mãos da critica superciliosa essas linhas que ahi ficam de proemio a este humilissimo livro, para servirem de pôtro aos tratos da minha expiação.

O caso está em saber aproveitá-las. A arte resume-se em pouco, penso eu. É imbeber primeiro a esponja do epigramma chulo no lôdo da palangana que lhe herdaram os mestres; verberar-me depois sem piedade com um sarcasmo pelludo; reduzir-me logo ao nada com a logica homicida da sua dictadura truanesca, e atirar por fim comigo ao purgatorio das vulgaridades, teimoso até agora em não acceitar nenhuma das almas condemnadas, que sua diabolica senhoria para lá lhe manda.

Diz a historia que pelo alcouce d'uma prostituta passára o dinheiro, sôbre o qual se erigira a pyramide de Rhodope.

Esta nossa critica, á semelhança da Messalina do Egypto, pretende erguer-se um monumento exclusivo nas prostituições torpes e repulsantes da sua consciencia; do seu talento, poucas vezes; raro o possue.

Não pensem com isto que eu desadôro a critica. Pelo contrario. Desejo-a, amo-a de todo o coração como ao mestre, que ensina, como ao professor, que corrige. Mas a critica illustrada, a critica que préza a arte, que a estima e que a entende; a critica allumiada por clarões de rasão esplendida, que tanto verbera o erro, como premeia a verdade; que tece corôas ao talento com a mão, que ha de depois castigar o mediocre.

Porém a critica esfarrapada, acanhada logo á nascença, que sem veia sufficiente para um folhetim aparece intanguida nos trapos descosidos d'um bo-

letim de pepineira, a critica tarella e bordalenga que de tudo falla, não entendendo de cousa nenhuma; essa acho-a eu digna de compaixão, como o seria a mulher douda e cega que na escuridão dos seus delirios percorresse as ruas com uma canna na mão para ferir o primeiro que encontrasse, sem se acordar de que o mais leve movimento d'este a evitará, e de que a luz apagada dos seus olhos breve a ha de arrastar sôbre um precipicio, onde tem de ferir-se com o seu proprio instrumento.

Acotovella-se por ali uma familia damninha de vermes que, incapazes de vida propria, vão agaçapar-se á sombra da mesma arvore que elles tentam em vão destroncar, para se fazerem um instante attendidos com o estrupido da queda. Faz lástima o ver a depravação moral com que estes mal-trapilhos, dispenseiros reciprocos de servís nomeadas, se affoitam ás vezes a requerer a sua testada no lugar das vocações eleitas, só porque tiveram a habilidade de escrever vinte semsaborias em quatro phrases montesinhas, que travam á podagra da sua intelligencia bastarda e maninha. Eu de mim, digo-o muito ingenuamente, todo me incolho de temerosos sustos em ouvindo o choutar soez d'esta nobre classe achacada de pulmoeira cerebral, quando a maldita desperta estremunhada da sua maligna e invalida ociosidade para vir escoucinhar no stadio das lettras.

Se me não falha a erudição, foi o sr. Rebello da Silva quem, n'um juizo critico sôbre o *Frei Luiz de Sousa* de Garrett, disse «que a ideia progressiva da nossa litteratura actual creára uma critica sua.»

Com a respeitosa consideração devida a todas as opiniões da mais bella imaginação de Portugal, permitta-se á verdade historica uma attenciosa contradicta em desabono d'este pensamento tão amplamente extensivo.

Era licito o perguntar já, como póde ter uma critica sua o paiz que não possue ainda uma litteratura? Mas não affrontemos a questão de tão alto. Venha apenas uma reflexão.

Eu penso que o auctor deve preceder a critica, e que a phisionomia d'esta tem de bosquejal-a o censor sôbre a pasta d'aquelle. Ora n'um paiz como o nosso, petulante sim d'uma natureza munificente, porém mingoado de auctores como é escasso de aerolithos o vergel ameno e florido por onde jámais trovejaram tempestades, não me dirão onde forragear elementos de critica honesta?

Eu não sei. A proposito. Ao recesso da minha desconhecida mansão litteraria, onde se gisam estas observações, a que não faltará por ventura no mal pintado dos ornatos o esmalte da verdade, chegou hontem, 10 de Dezembro d'este moribundo anno de 1858, um jornal do Porto, a noticiar-me a aparição do segundo numero do *Mundo Elegante*, periodico do sr. Camillo Castello Branco, pellidando o meu amigo de primeiro romancista d'este paiz. Não se

mente em nenhuma outra parte com tal desprante, nem se escreveu jámais em terra alguma tão falsa e arbitrariamente! — L'HISTOIRE!

O primeiro romancista d'este paiz, o sr. Camillo Castello Branco?

Primeiro quer dizer, em acceção rigorosa, anterior ao segundo. Ora este ultimo é que eu não enxergo, e prouvera a Deus que a boa moral do profundo localista o estimulasse a curar-me d'estas malditas ophthalmias que me vão cahindo para os olhos do espirito! Ha pharoes que allumiam tão longe! Louvado seja o Senhor que os não apaga! — Que seja o sr. Camillo o unico romancista actual, de accôrdo. Que seria tambem elle o excellente no concurso, se podesse havel-o, creio-o intimamente. Mas que o seja hoje, o primeiro romancista, isso não.

Á parte os dous grandes vultos do romance historico, o sabio auctor do *Monge de Cister*, e o erudito escriptor da *Mocidade de D. João v*; com elles meia duzia de nomes (a), archivados já com immorredoiras laureas no missal da historia, quem escreve ahi, de maneira que se lhe veja o dedo, romances, já não digo para valerem os do Balsac, que é impossivel mesmo sel-o aonde fallecem os dramas constantes da vida do grande mundo, mas para hombrear, n'um honrosissimo confronto, com os bellos estudos do profundo Karr, do ingenhoso Th. Gautier, do apaixonado Dumas (filho) e tantos outros, além do sr. Camillo Castello Branco?

O seu nome corre por ahi estampado em perto de quarenta volumes, que nem tantos são os seus annos, afôra cardumes de fragmentos litterarios que por ahi andam espalhados, a qual mais rico em bellezas da sua invenção fecundissima.

Havemos pois de collocar-lhe na mesma plana tres ou quatro nomes, que viveram apenas um dia, que a memoria do vulgo já esqueceu, e que á noite d'esse dia chegaram cançados da sua obra, e incapazes de recommencarem novo trabalho? Se se malbaratam assim as mercês litterarias, d'aqui a pouco vêm tambem as mediocridades requerer o seu diploma, e com ellas o auctor d'este livro.

Por quem são, tenham ao menos um pouco mais de acatamento para com a posteridade, que virá talvez um dia, á falta d'outros documentos, estudar nas locaes do jornalismo os marcos das nossas revoluções litterarias, e poderá inferir dos seus dizeres que algum diluvio litterario houve, de que só escaparam dous ou tres nomes, como a pomba da arca. Não nos desvalêra talvez

(a) Tres, que nos lembram. O sr. Mendes Leal, o nosso primeiro dramaturgo; o sr. Andrade Corvo, uma das nossas mais sympathicas illustrações; o sr. Marreca, a primeira consciencia que ainda hoje acorda Portugal aos decantados heroismos d'outras eras. Todos se provaram tambem no romance historico. O primeiro nos — *Irmãos Carvajales* e — *O que foram portuguezes*. — O segundo nos — *Dous annos na Côte*. — O terceiro no — *Conde de Castella*.

Archive-se especialmente o nome do sr. João de Lemos. Nos livros da primeira *Revista Academica* estão hoje sepultadas as paginas de oiro d'aquelle talento mimosissimo.

isso, mas o peor seria para vós, cujos papeis na opinião d'ella teriam porventura ficado a boiar ao lume de agoa como alforrecas que os monstros marinos expelliram a confundir com a salsugem da praia.

— Não, que sempre se dizem cousas n'este malfadado paiz!

— É um choramigar de Heraclito o manusear certos livros que por ahi correm chancellados no registo do publico consenzo.

— Já leram uns fastos, que ahi se publicaram, da litteratura moderna? Não vos despertou os brios aquelle pantafaçado do rotulo?— pois li eu, martyr devoto de epigraphes ardilosas. E sabeis o que me lograram as ancias da curiosidade?— Matiz mesclado de phrases gamenhas, que seriam bonitas *em portuguez*, como diz um amigo meu; e chorudos hymnos de phantasia gorda a poetastros d'uma aurora, que adormeceram ao tanger das tristes. É alli omisso, n'aquelle padrão da litteratura actual, o nome do sr. A. F. de Castilho. Ora se o bom do livro se não deixa morrer de bexigas em creança, os que viessem atraz de nós não poderiam dizer um dia que o nome do auctor dos *Ciumes do Bardo* era um mytho? Ha porventura paiz onde mais se descure o renome e a gloria das letras?

— Pois já poderamos ter aprendido, quando não fosse senão á custa da propria experiencia. Não sabem o que soffre a litteratura d'um povo por labéos de tal tomo? Perguntem-no á Memoria de Fernão Mendes Pinto, e a tantas outras egualmente illustres como a do aventureiro peregrino.

— Ora, isto é incrível! Não se concebe uma cousa assim! Ir a gente, em toda a sua boa fé, comprar um romance, que custa quinhentos réis, abril-o, e dar de frente com um desavergonhamento d'esta ordem!

— Não, que é assim! E de mais a mais mandar-nos consultar peregrinos! Isto é uma perfeita caçoada!

— É mais. Quem põe no frontispicio d'um livro— romance— e depois o transforma sem mais cerimonia em taboleta das suas safadas opiniões, é um traidor, e para os traidores...

— Basta, basta de recriminações, minhas amabilissimas leitoras. Eu vou já desculpar-me, e espero carcar a vossa alta indulgencia. Ouvi-me primeiro. Não me crimineis tão depressa.

— É tão linda uma senhora, que sabe reprehender com o rosto! É tão feia quando ralha com a bocca, dous minutos que sejam! O diacho do palavriado!

— A senhora, que fosse minha amiga, havia de recitar-lhe dez vezes pelo menos em cada dia, esses quatro versos de Corneille:

... Quand une femme a le don de se taire
Elle a des qualités au-dessus du vulgaire :
C'est un effort du ciel, q'on a peine à trouver ;
Sans un petit miracle il ne peut l'achever.

Senhora, que fosse minha amiga, já se vê, precisava de saber francez. Ora vamos.

Não sabem como o anjo do soffrimento repelle a injuria, castigando-a? Córa, descêe sôbre os olhos as palpebras assetinadas, que lhe assombram a face, e remata a linguagem muda, mas eloquente, do seu intimo resentimento, n'um comprimir dos labios seu privativo d'elle.

E haverá espinho que mais se entranhe no peito do culpado que o d'esta tão nobre represalia?

E qual das minhas leitoras não é o anjo do soffrimento?

A julgar pela estatistica dos poetas, já são mais os anjos que as mulheres; e d'aqui a pouco nós os homens teremos de descambar tambem a face mimosa sôbre o hombro esquerdo, enlaçar os dedos, aggregal-os ao queixo, pôr os olhos em branco, rapar as barbas, arranjar umas lagrimas de cêra que sirvam para todo o anno, e fazer do sobredito anjo para sustento e allivio das imaginações volcanicas.

Aqui estou pois agora aos teus pés, minha leitora bella, para te repetir os artigos da minha defeza, e ouvir resignado a tua sentença. Antes porém deixame contar-te o primeiro sonho que eu sonhei quando tinha quinze annos.

Sonhára eu... se tudo me lembrasse... com um lindo gabinete de estudo... lindo e phantastico como aquelle gabinete não vi nunca nenhum... Era ao alevantar da manhã. Os primeiros raios da luz do dia, coando-se tepidos por entre um cortinado de sicomoros, que encobriam a unica gelosia d'aquelle pequenino paraiso, vinham quebrar-se segunda vez no azul d'um bello transparente, que de si os despedia em sombras quasi tenuissimas para irem depois evaporar-se por sôbre as flôres afestonadas do mais rico tapete, que não abrihantára nunca salões de monarchas em terra de Persas. Sôbre almofadas de velludo bordadas a ouro estava em caprichoso abandono, voluptuosamente reclinada, uma mulher bella como a imagem de Ticiano. Ao vê-la assim, ao mesmo tempo luxuriante como o sol de Napoles e meigã como o suspirar do gondoleiro de Veneza, derramando luz em deredor de si pelos resplendores do seu proprio brilho, assimilhavel ás deusas da antiguidade; com os seios em parte, não de todo, pudicamente vendados por finissima hollanda, e as orlas do seu riquissimo chambre de setim branco um pouco apanhadas, a descobrirem aquelles pés de rainha, milagrosamente escondidos em chapins de fada; os dedos de neve e as unhas côr de rosa suspensas ainda da corda de um alaúde que alli tinha ao pé, e cuja ultima nota parecia ainda revibrar por toda aquella atmosphaera de seducções; ao vêr aquella imagem de Westhall, cujos olhos diluiam em morbidos reflexos uma luz morna sôbre as letras de oiro d'um livro aberto, o coração teimava por força em convencer-se de que era alli a morada d'um anjo invisivel da noite, que á hora do des-

partar do homem vinha conciliar o somno na breve leitura dos versos suavemente opiados d'algum poeta olympico.

Sonhára eu que, tomando-lhe das mãos, ousára a dizer-lhe: «Oh! fala, deixa-me escutar a tua voz, deve de ser uma harmonia celeste cada uma das tuas palavras!»

«Aqui estou, filho. Socega. Dize-me o que tens.»

Oh! realidade ignobil!

Acordei, com estas palavras, nos braços da minha velha Theodora, que me trouxera ao collo em pequeno, o que não obstava a ser a mulher mais feia do globo, com a pueril vaidade de arrogar a si o direito de responder-me pelas fadas dos meus sonhos.

Acordado comecei a repetir comigo as visões da noite, e meio adormecido ainda, n'esse estado fertilissimo para a phantasia, no dizer do intendido Baccac, criei esses versos, que na verdade não provam muito em favor do grande humorista. São versos em prosa, que a dormir não se compassam linhas.

Versos em prosa.

Se eu fosse alaúde, mimariam minhas cordas os dedos d'aquelle anjo...

Se eu fosse alaúde, o echo das minhas notas iria poisar-lhe no coração...

Se eu fosse hollanda mui fina, serviria para velar os seios de Aglaé...

Se eu fosse hollanda mui fina, era eu a enchugar as lagrimas de Beatriz...

Se eu fosse chapim, aqueitaria só os pésinhos de Adelaide...

Se eu fosse chapim, dormiria á noite por entre as saias de Julia...

Se eu fosse chapim, entendem? Por causa dos equívocos acabem-se os versos.

O caso foi que inteiramente despertado salto pelo quarto fóra em roupagens, lavadas sim, mas demasiado naturaes, e com os punhos no ar exclamo, á maneira de tyranno de melodrama:

— Não posso ser alaúde, não posso ser hollanda, não posso ser chapim; hei de ao menos escrever um livro que faça mais depressa adormecer uma mulher, que o narcotico dos deuses do Olympo. E eis-me agora, que são passados cinco annos, a realisar a minha propria profecia.

Ora, como a estas horas, a minha interessante juiza, se já não está a dormir, tem pelo menos aberto a bocca dezoito vezes, dobre a folha, passe pelo somno, e quando acordar, se quizer lér o romance, tenha a bondade de começar no capitulo seguinte.

(Continúa)

VIEIRA DE CASTRO

CHRONICA

Corrido vai o noticioso mez, cujo passámos a fazer a chronica. Assim o dizemos, porque raro apparece em Coimbra epocha tão farta em novas de sustancia, e pólpa, como a de que ora imos occupar-nos.

Fôra simples, e singella, a razão d'isto.

Tirado a lume o 1.º numero do *Atheneo*, alguns criticos menos circumspectos lobrigaram trancas onde não havia mais que microscopicos argueiros, enxergaram affrontas onde não havia mais que encomios, e viram odios incarnicados onde não havia mais que affectos.

Suas senhorias illustrissimas, permittam-nos a réplica, olharam tudo mediante o prisma augmentativo de mal cabidas suspeições.

Foi-lhes mistér torcer a ideia a cada phrase, o significado a cada termo, o sentido a cada periodo para espremerem gottas de injúrias repulsivas, ou de insolencias mesquinhas.

Pelo amor de Deus, senhores criticos tacanhos, (dôe-nos não os conhecermos de nome) mais tino, mais sizo, e sobre tudo mais caridade para comnosco. Onde é que vós fostes, lendo as páginas do *Atheneo*, entrever a penumbra d'uma offensa, ou deparar com a restea d'uma culpa, commettida contra alguém d'esta nobre terra de Coimbra?

Compozestes de industria toda a casta de parvoicadas tontas, syllogizastes de manha uma arenga de sophismas pécas, e houve alguém menos discreto, que teve a inconsideração de n'elles crer. Não devia de ser assim. E se não revejam-se os escriptos do meu collega e amigo Vieira de Castro, por quem estou a cargo de responder; esquadrinhem-se os periodos da nossa chronica preterita; submettam-se ao juizo de mais avisados criticos; e venham depois dizer-nos se nunca nos rastreou pelo cerebro a sombra d'um acommettimento que podesse venialmente marear a reputação escrupulosa das senhoras de Coimbra.

Pense-se bem nas palavras que alli deixámos exaradas; desdobre-se bem o seu conceito, estire-se a martello se preciso fôr; e venham mais dizer-nos se um laivo de remorso póde vir corroer-nos a consciencia.

Não póde nem deve de vir.

Minha amabilissima leitora.—É para v. ex.ª a respôsta. Aos criticos ameinhados, incapazes de terçar com Sansão, ainda que antes lhe tivessem tosquiado a nedia cabelleira, responder-lhes-ha o anonymo covarde com que se acobertam.

O meu collega, pois, e nós em tudo o que dissemos nunca divisámos senão um fito: concitar á cortezania uma classe por ventura a mais humilde de Coimbra. Era desairoso individuar esta, e fez-se porisso um chamamento geral.

Sobejar-nos-hia pezar se o não fizessemos, porque cremos cordialmente na sua essencial regeneração. Isto é já de si bastante, mas confessamol-o que é desenganado e verdadeiro.

Ácerca d'outras em que v. ex.ª certo é uma, foi-lhes o insulto de si mesmas, e de seus postigos defensores. Ha coizas, que o sonhar-lhe a possibilidade é já imperdoavel culpa.

Sinto pois, minha espirituosa senhora, que v. ex.ª, pela indiscrição reprehensivel de seus menos judiciosos campeões, perdesse no meu amigo um mantenedor robusto e corajoso.

Posto isto, permitta-me v. ex.ª transcrever aqui um mimoso artigo, que devia de ir illustrar as columnas do *Conimbricense*, mas que eu para aqui gatuneei da secretária d'um velho amigo.

É o que se segue:

Sr. redactor do *Conimbricense*.—Não é assim! A um apostolo da liberdade posso fallar sem medo. A ideia é incoercivel como Deus, a palavra como a ideia, e a imprensa deve-o de ser como a palavra. V. s.ª leva-se d'uma excessiva cortezia pelo sexo debil, quando com todo o pezo da sua auctoridade confirma a ampliação dada no seu ultimo numero á Introducção do *Atheneo*.

E não é assim. Alli não se offende ninguem.

Custa-me fallar pelo auctor do artigo, elle que tão pouco de mim precisa; mas v. s.ª, advogando um sexo que não tem defesa, auctorisa-me a defender o meu na pessoa d'um amigo.

No concilio de Macon lembram-se os padres decidir que as mulheres não tinham alma. Tratava-se d'uma coisa importante, e d'uma coisa de todas: subleva-se a povoação inteira: os padres reconsideram, e concedem-lhes não a alma do homem, mas uma especie d'isso: ellas contentam-se com a especie, e a tempestade passa. Isto promette mais; isto ameaça. Isto não fica assim; não póde ficar assim, dizem por ahí todos, e porque? Porque um escriptor, no seculo de telegraphia electrica, no meio d'um povo livre, no foco da sua civilisação — em Portugal, em Coimbra, em 1859, ousou dizer: *«verdades estas que não imbuiam ainda na consciencia lorda das mulheres d'aqui.»* E é isto um crime? não de liberdade d'imprensa, mas ainda de boa sociedade e honesta litteratura? Não. Nem o é isto, nem o mais que v. s.^a transcreve. A razão deu-a ha cinco annos uma das intelligencias mais maduras d'esta Universidade. Quando, pelo que todos nós sabemos, os meus intimos amigos Francisco Soares Franco, e Pinto d'Araujo, andaram ahí a mendigar professores que os examinassem, disse-lhes o sr. doutor Nunes de Carvalho: «eu estou promptissimo: nem os senhores me offendiram: de quem fallavam as suas correspondencias? De estupidos e parvos: não é comigo.» Isto devia de dizer toda a senhora conscia de si, ainda quando se achasse comprehendida nas expressões do meu amigo. Mas de quem se tracta? Expressamente: *das filhas do Mondego, incapazes de memorarem chorando a morte de ninguem.*

Ora, qual d'ellas póde, sem os olhos se lhe arrasarem de lagrimas, assistir a um quadro afflictivo?

Nenhuma. Logo de nenhuma d'ellas se falla na Introducção. Só para com Deus se é responsavel por pensamentos, palavras, e obras.

No mundo e em boa critica as intenções, boas ou más, não se discutem.

Mas quando isto fosse materia de interpretação, era bem necessario desconhecer o auctor do artigo para o suppôr capaz d'um attentado ás senhoras d'esta cidade classica. Eu, senhor redactor, nunca tive geito para cavallarias; mas, se estivessemos em tempo de Magriços, e alguém ousasse dizer d'algumas que ahí ha

... que honras e famas
Em taes damas não ha para ser damas,

juro que era elle o primeiro indigitado de duque d'Alencastre.

Pois não é o meu amigo Vieira de Castro, que falla com o respeito que se deve, e com a saudade que merece, d'uma das senhoras de Coimbra? Não é elle ainda, que ahí depõe com tão mimosa veneração, nas mãos da irmã d'essa belleza extincta, o goivo funebre? Cavalheiro quando lhe cumpre, para o que elle não está, nem devia estar, era para se esmigalhar nas hastas d'um moinho por qualquer Dulcinea del Toboso.

Não é das que, ora nas lageas d'uma enfermaria humida, ora nos templos, ora nos theatros, disseminam o amor e intimam a sociabilidade, que elle falla.

Falla das que, em dia de musica no Jardim Botânico, fogem para Agoa de Maias; das que, em dia de espectáculo na Sophia, fogem para o Jardim Botânico; d'aquellas, que se a procissão de Marrocos lhes passa pela porta, fogem para as aguas furtadas.

Isto é mais que culpavel, e mais que indesculpavel, porque a mulher ou o homem que foge á sociedade, furta uma nota á harmonia dos seres.

Não é o homem que se civilisa, porque não é o homem que se reproduz. É o individuo humano: é a mulher e o homem.

Fugir á sociedade, é, ou trahir uma deploravel consciencia, e então a critica é bem vinda porque é justa, ou retrogradar da Casta-diva até ao Kyrie-eleyzon, da salla até á cella, do homem até o frade, de Christo até Mafoma, do Evangelho até o Alcorão, de Paris até Constantinopla. N'esse caso a mulher não se ama, ajusta-se; não se respecta, paga-se. S. Cypriano escreveu em letra gorda: — «a alma da mulher tem o sello do dedinho do diabo» (a), e não consta que

(a) Nota do editor.

Este dizer de S. Cypriano, veio fazer-me cocegas de ampliar um tudo nada a coisa em ques-

alguem riscasse ainda do Kalendario das suas Horas Mariannas o sancto faccioso e discolo. D'onde pois tamanho escandalo? *Tanta-ne animis?*

Pois já um espirro é caso de apoplexia?

Já uma pobre carapuça de papel pintado, elastica como a consciencia d'um Jesuita, é entre deusas pomo de discordia?

Que importa a apostazia d'um crente se lhes hão de sobejar sempre idolatras?

Nunca devia de acontecer isto! Os principios estabelecem-se, e as consequencias deixam-se ao senso intimo. As excepções suppõem-se: encastorem-se na regra, é culpa sua.

Bem fizeram as auctoras da correspondencia, que sabendo, o que é tão raro em creaturas femeas, conciliar a ira e a doçura, a prosa e a poesia, a justiça e a misericordia, esconderam o seu sexo como a Minerva de Fénelon, e assignaram-se — N. E. C.

Dada, pois, esta explicação prévia para remanso e quietação de espirito das senhoras de Coimbra, passamos a desenrolar os feitos de maior grossura, que devem prefazer o corpo da presente chronica.

Entre estes o que mais avulta sem dúvida, e o que merece ser posto em primeira plana, é o recebimento no gremio universitario dos srs. Albino Augusto Giraldes, e Antonio dos Santos Viegas.

Foi esse um dia de festa para a Universidade, de prazer para os seus amigos, e de inthusiasmo para os que pesam em maior quilate o melhoramento das lettras patrias.

A Faculdade de Philosophia enriqueceu-se com estes dois talentos, que abrihantarão com cedo nos misteres do magisterio seus nomes já illustres nos bancos escolares.

Ainda que minguados de recursos para avaliar os dotes de tão subido merito, conhecemol-os de sobra para não titubearmos em predizer-lhes um futuro digno em tudo do passado que viveram.

Reappareceu ao mundo conimbricence a *Estêla Litteraria*, periodico redigido pelos srs. Machado Cabral, e Albuquerque do Amaral. É modesto no rotulo, mas pôde e deve ser vaidoso pelos nomes que lhe formoseam as páginas, e pelos escriptos que lhe attestam as columnas.

Gorou-se a vinda da *signora* Ristori, e com ella a abençoada esperanza de vermos subir ao palco academico a primeira tragica do mundo. Coimbra ficou lograda na febre com que abraçára o promettimento da rival de Rachel, e na sua desillusão desfolhou as rosas ás coróas tecidas de ante-mão ao engenho da grande artista. Perdeu-se muito, mas não se perdeu tudo. A Academia Dramatica reunira-se em assemblea geral e acordára em abrir uma porta franca ao genio, ao talento e ao merecimento de ante-mão reconhecidos. Ganharam-se alli entre outros os bonitos discursos dos srs. Silva Gaio, e Ayres de Gouvêa.

Houve tambem, em algumas tardes do mez, grande concorrência de familias ao Jardim Botanico, atrahidas pelas harmonias das philarmonicas de Coimbra. Achamos a ideia digna em tudo d'um povo allumiado pelas luzes da civilisação e do progresso. Parece-nos porém pouco curial a hora do divertimento. Se não houvesse n'isto desacato ás costumeiras classicas dos papás, fôra talvez preferivel o trocar pela hora da refeição a hora do recreio, e substituir, n'estes dias de inverno, o calor suave do meio dia pelos encolhidos crepusculos da tarde. E com isto não os enfado mais.

Coimbra — Novembro.

VICTORINO DA MOTTA.

tão. Pedimos por isso a devida venia ao auctor do artigo. *Mahomet* dissera das mulheres coisas que o *démo* não disse da cruz, chegando a pontos de não lhes acordar uma nesga do seu paraiço, hospedando ahi, pelo contrario, o papagaio da rainha de Sabá; e até agora não resa a historia de que por isso mulher alguma renegasse a religião do seu propheta. S. Paulo defende-lhes junctarem a sua á voz dos sacerdotes para entoarem canticos sagrados ao Creador; e mulher alguma deixou por isso de crer no Evangelho d'este sancto apostolo. *Hypocrates* dissera ainda muito mais; e não consta até hoje que mulher alguma recusasse curar-se pelos preceitos therapeuticos do pai da medicina.

Dispensem-nos de adduzir mais citações. Se, porém esquipatica leitôra quizer d'ellas mais larga cópia, recommendamos-lhe o livro intitulado *Les Femmes* — d'Alphonse Karr. pag. 6, 7, 8, 9 e seguintes.

ATHENEO

PERIODICO MENSAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

PERIODICO MENSAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

REDACTORES

Castillo Castello Branco — J. C. Vieira de Castro
A. Victorino da Mota

QUA QUARTO



A publicação do ATHENEO será continuada em series de oito números. A primeira serie delimita-se com o mez de Outubro de 1859 e o mez de Maio de 1860.

Distribuição no ultimo dia de cada mez. Assigna-se e vende-se: — em Coimbra e no Porto nas lojas do Sr. Morel; — em Lisboa na Livraria Central, rua do Ouro n. 113; e em todas as Srs. Commissions da Imprensa da Universidade.

Assignataes por cada serie:

Em Coimbra	1200 reis
Provincia	2500 ..
Lisboa	300 ..

Toda a correspondencia sera dirigida, nunca de parte, ao Ill. Sr. Olympio
Victorino Ray Fernandez — Coimbra
Impresso na Universidade

ATHENEO

PERIODICO MENSAL, SCIENTIFICO E LITTERARIO

REDACTORES

Camillo Castello Branco — J. C. Vieira de Castro

A. Victorino da Motta

A publicação do ATHENEO será compartida em series de oito numeros. A primeira serie delimita-se com o mez de Outubro de 1859 e o mez de Maio de 1860.

Distribue-se no ultimo dia de cada mez.

Assigna-se e vende-se: — em Coimbra e no Porto nas lojas do Sr. Moré; — em Lisboa na Livraria Central, rua dô Ouro n.º 115; e em todos os Srs. Commissarios da Imprensa da Universidade.

Assignatura, por cada serie:

Em Coimbra	1\$800 réis.
Provincias	2\$040 »
Avulso	300 »

Toda a correspondencia será dirigida, franca de porte, ao Ill.º Sr. *Olympio Nicolau Ruy Fernandes* — Coimbra.

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

O ATHENEIO

PERIODICO MENSAL, SCIENTIFICO E LITTERARIO

PRIMEIRO ANNO

31 de Dezembro de 1859

N.º 3

SUMARIO

- | | |
|---|--|
| Discurso , do Ex. ^{mo} Sr. Conselheiro Bazilio Alberto de Sousa Pinto. | Aleyna , romance, por J. C. Vieira de Castro. |
| Historia e causa da decadencia dos bons estudos , por Antonio Nunes Ribeiro Sanches. | Uma Historia , por A. Victorino da Motta. |
| Philosopho de trapelra , romance, por Camillo Castello Branco. | A Infancia , poesia, por Agostinho da Rocha. |
| | A Herrmann , poesia, por João de Deus. |
| | Chronica , por J. C. Vieira de Castro. |

O ATHENEO

PERIODICO MENSAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

PERIODICO MENSAL SCIENTIFICO E LITTERARIO

Publicado no Rio de Janeiro, em 1858, no numero 100.
A. V. de Castro, Editor.

PRIMEIRO ANNO

31 de Dezembro de 1858

N.º 3

CONTHEMTO

Discursos de E. de S. Conde de Balthazar	Alcornoque, romance, por A. C. Vieira de Castro
Historia e raras da decadenza dos Bona	Uma Historia, por A. Victorino da Matta
Estudo, por Antonio de Aguiar Ribeiro	A Inlancia, poesia, por Agostinho da Rocha
Philosophia de trapeza, romance, por Ca-	A Hermann, poesia, por João de Deus
Uma Historia, por J. C. Vieira de Castro	Problemas, por J. C. Vieira de Castro

DISCURSO

DO EX.^{mo} SR. CONSELHEIRO

BASILIO ALBERTO DE SOUSA PINHO

lido na sala dos capellos, no dia 8 de Dezembro de 1859.

Senhores:

Acto, que hoje solemnizamos, por mais repetido que seja, ha de sempre despertar a mais viva commoção nos corações sensiveis que o presencarem. Simple e singelo, como é, e como devem ser todos os d'uma corporação scientifica, o pensamento, que n'elle domina, é tão elevado, que desperta a intelligencia, toca a imaginação, e commove o coração.— É a festa das familias: é a victoria da juventude: é o triumpho do Genio coroado pelo Estado: e o Genio, Senhores, é o soberano do mundo.

O raio, que na mão de Jupiter derrubava soberbos castellos, e altas torres, submisso á voz do Genio, vai sumir-se nos abysmos: fiel mensageiro do pensamento, vai ligeiro, como elle, levar os seus segredos aos confins da terra; e os mares, que pareciam separar eternamente dous mundos, acolhem em seu seio a cadeia, que os liga como irmãos.

Guiada pelo Genio, a elasticidade do vapor conduz, em onze dias, além do Atlantico, alterosas náus, que levavam anno a vencel-o: transporta n'um momento aos campos da batalha aguerridos exercitos, que arrancam ao inimigo a victoria, que contava como certa; e, avizinhandos povos, que mal se conheciam pelo nome, faz de todos elles um só povo.

Rasgando as entranhas da terra, o Genio faz brotar do seio d'ella jorros de agua, que formam amenos jardins nos areaes do Egypto; e, desprendendo o gaz, que alumia praças e ruas, torna a noite rival do dia.

Cançado das infidelidades do lapis e do pincel, o pintor obriga a luz a exercer a sua arte: e, quasi sem trabalho, deixa a perder de vista as obras, que a antiguidade admirou, como primores d'ella.

Se, pois, essa antiguidade, que nem viu, nem sonhou as maravilhas do Genio, que nós vemos e apalpamos, assim mesmo lhe prestou culto, e levantou estatuas, com os nomes de Apollo e de Minerva; devemos nós, não só tecer-lhe corôas e conferir-lhe premios, senão tambem levantar-lhe altares, e adoral-o como uma faisca da Divindade. É o Genio, que, pondo-nos em contacto com esta, surprehende os seus segredos: e, submettendo as forças da natureza ao imperio do homem, faz que, sendo pelo corpo o animal mais fraco, se torne pelo espirito o Rei do Universo.

Portanto, Senhores, a escolha não é duvidosa. Lisongear o corpo com sensualidades e vicios, é degradar o homem á condição dos brutos; cultivar o espirito com o estudo e com o trabalho, é eleva-lo á alteza da Divindade.

Cultivae pois o vosso, Illustres Mancebos, com todas as forças do vosso coração: prestae culto ao Genio, offerecendo-lhe o estudo, o trabalho, e as vigílias, que são o tributo, que elle acceita mais benigno, e que retribue com mão larga e generosa. Aproveitae o templo e os sacerdotes, que a Universidade vos offerece para esse culto. É n'ella, que se apura o sangue mais nobre, que tem de correr nas veias da nova geração; e a esta pertence o futuro da Patria.

Para nós, que temos vivido sempre envoltos em revoluções e guerras civis, tem sido sómente as dores: para a nova geração será o fructo, se o souber colher com mão cautelosa.—Nós, para conseguir a liberdade, tivemos de affrontar a sanha temerosa do despotismo: a nova geração para a conservar, basta que saiba evitar os baixios da anarchia.—Nós, para debellar o despotismo, tivemos de exagerar os principios da liberdade; porque um gigante, só com outro gigante se combate: á nova geração pertence moderar-os e conduzir a náu do Estado a porto seguro com o leme da Razão e da Justiça.—Nós colhemos corôas de carvalho, ou antes de ferro, em luctas fraticidas: á nova geração pertence colher-as de louro e de oliveira nos gloriosos combates de Themis e de Minerva.

Felizmente, á frente d'esta geração está um Rei Moço, e seus Augustos Irmãos, que, educados, como os filhos de D. João I, no sancto temor de Deus e amor da Patria, por uma Mãe extremosa e illustrada, podem, como Elles, levar a briosa Nação Portugueza a occupar o logar, que lhe pertence entre as mais civilisadas da Europa. Acompanhae-os, Illustres Mancebos, n'esta nobre empresa; mas procurae tornar-vos dignos d'Elles e d'Ella com o estudo e com o trabalho.

Os estudos litterarios e scientificos não só desenvolvem o espirito do homem, senão tambem formam o seu coração, o qual, no decurso da vida, ainda tem maior influencia nos nossos destinos, do que o proprio talento. É nõ

commercio e na lição dos grandes escriptores, que se adquire o amor ás grandes cousas; porque a nossa alma não póde deixar de se inclinar ás virtudes, que lê e admira.

D'ahi vem a resignação heroica, com que o sabio, no meio das tempestades da vida, esperá dias mais serenos, sem desanimação nem impaciencia: e, chegados elles, toma as rédeas á prosperidade; que é grande sizo, diz o nosso Fr. Luiz de Sousa, *não largar vélas ao vento dos bons successos*. Dimana da mesma fonte a nobre generosidade, com que, no meio dos odios e furores dos partidos politicos, estende mão bemfazeja ao proprio inimigo que jurava beber-lhe o sangue e cavar-lhe a sepultura.

Desconfiae pois, Illustres Mancebos, da impaciencia d'aquelles que, querendo ser livres e emancipados antes de tempo, em lugar de passarem pelos degráus d'uma iniciação longa e severa, deixam o remanso consagrado ao estudo e ás letras, para se lançarem, inermes e desaperecebidos, nas encapelladas ondas da vida pública. Mal sabem elles, que essa vida, que tanto os seduz de longe, é um campo, aonde nada se consegue sem combate; e o combate sómente é favoravel áquelle, que se tem fortalecido com o exercicio e com o trabalho.

Entram na vida pública sem instrucção solida, sem principios firmes; e, o que é peor, sem costumes, sem moral e sem religião; e, não podendo fazer fortuna por meios legitimos, confiam a sua sorte ás intrigas da politica, aos mexericos e calumnias d'uma imprensa licenciosa e desaforada, e ao asar das revoluções e da anarchia!

Este é o flagello maior da nossa idade: é o escolho mais perigoso para a inexperiencia da juventude. Acautelae-vos d'elle, Illustres Mancebos, com o desengano de que, assim como cada estação do anno tem o seu trabalho, assim tambem cada época da vida tem a sua tarefa. O que a influencia semeia, cultiva-o a juventude e colhe-o a virilidade. Quem quer colher o fructo antes do tempo, sae-lhe péco e gorado.

Não descanceis á sombra dos louros com que ides ser coroados; porque a gloria adquirida deve ser o fiador da que se ha de adquirir: e a vossa é tão brilhante, que não póde deixar de vos despertar em cada condiscipulo um émulo e um contendor. A amisade de condiscipulo é intima como a de irmão: é a communhão do trabalho e do successo, do prazer e da dôr, da alegria e da tristeza, e o desafogo dos pensamentos mais reservados e dos sentimentos mais intimos da alma; mas não exclue a emulação, que não é, como a inveja, um sentimento baixo e vil: é nobre e elevado; e por isso nunca morre nas almas bem formadas.

Eu julgaria faltar ao meu dever se deixasse passar esta occasião tão solemne, sem dar um testemunho publico do exemplar comportamento com que a Mo-

cidade Academica se tem conduzido no corrente anno lectivo. Parecerei talvez encarecido, e que quero tirar d'aqui gloria para mim; porém os factos fallam tão alto, que me hão de justificar. O decóro, a boa ordem, a tranquillidade e socego, que tem reinado, tanto na Universidade como fóra d'ella, não é obra minha, que não posso tanto; nem da policia academica, que é nulla; mas é effeito expontaneo e livre dos briosos sentimentos da Mocidade Academica, e das lições e bons conselhos com que seus Mestres a sabem guiar no caminho da honra e das letras. Apenas tem havido leves faltas; mas, tendo sido applicada a umas a reprehensão, a outras a detenção, são os mesmos penitenciados, que se vão offerecer á penitencia, recebendo-a com tanta docilidade e contricção, que me obrigam a modifical-a com o louvor. Tenho visto correr muita lagrima de arrependimento e muito gemido de dôr. Não sou eu que os commovo a elles: são elles que me commovem a mim!

É preciso tractar de perto a Mocidade para conhecer quanto ha de bom, de moral, e de generoso no fundo do coração do homem, e quanto é nobre e elevado o encargo de o conduzir pela cultura do espirito ao fim que Deus lhe tem destinado. No meio da maior corrupção dos povos e das nações, sempre a voz da consciencia humana tem bradado, que o mal não é sem remedio. As gerações passam e renovam-se sem cessar: regeneral-as pela educação e instrucção da Mocidade, é o meio mais seguro de atalhar o contagio, e evitar a ruina que traz consigo.

Em quanto, pois, sôbre a terra existir uma creatura formada á imagem de Deus, e inspirada por aquelle fogo divino, com que pôde comprehender o presente, o passado e o futuro: profundar as entranhas da terra, e abalançar-se ao Céu: observar a mimosa flôr que vive um dia; o sol e os astros, que affrontam os seculos; a educação e a instrucção que produz estas maravilhas, e regenera a humanidade, não pôde deixar de ser considerada como uma obra divina, e um sacerdocio.

Continuae pois, Illustres e sabios Professores, na honrosa tarefa de que estaes encarregados. A vossa missão não é uma especulação de interesses materiaes, que produzam a riqueza e opulencia: é a cultura dos intellectuaes, moraes e religiosos, que produz a sciencia e a virtude, as quaes são o que ha de mais respeitavel sôbre a terra, e de mais estimado no céu: é um verdadeiro Apostolado; e por isso merece bem a pena da abnegação do proprio interesse, e d'uma dedicação corajosa e resoluta, que nunca falta nos homens, que, como vós, se têm sabido elevar, pela sciencia, acima do lodo da terra.

E vós, Inclitos Mancebos, continuae na carreira, que com tão felizes auspicios tendes encetado. Aproveitae as lições de vossos Mestres, que trabalham noite e dia para vos aplanar o caminho das letras e das sciencias.—Aproveitae o exemplo do venerando Prelado, que se dignou honrar a nossa Festa com a

sua presença. Filho querido e agradecido da Universidade, elevado ao fastigio do Sacerdocio pelo seu merecimento e virtudes, ainda hoje se compraz em se vir sentar no meio d'aquelles que sempre o estimaram como Collega e Amigo, respeitaram como Prelado, e hoje veneram e reverenciam como Pastor vigilante e Pae amoroso.

Aproveitae, finalmente, os meus conselhos, que são de amigo, mas amigo sincero, que não sabe lisongear paixões nem contemporisar com os vícios. A educação e instrucção da Mocidade tem sido em toda a minha vida o principal objecto dos meus cuidados e afeições; e o meu coração, apezar dos annos, ainda não envelheceu para ella. Mas desejo que, além de instruida, seja moralisada e religiosa; porque sómente assim poderá satisfazer o elevado fim, para que Deus e a Patria a tem destinado.

Desejo que, saíndo da Universidade, em lugar de levar nos Diplomas que a hão de acompanhar, uma illusão para ella e para o publico, leve um testemunho solemne e um penhor seguro da intelligencia, do zêlo, e da probidade com que ha de desempenhar os empregos, que lhe forem confiados: sustentando na Igreja o culto d'uma religião sancta e pura: no Fôro, o imperio da lei e da justiça: na Imprensa, uma censura modesta, imparcial e illustrada: na Tribuna sagrada, a linguagem da verdade: na parlamentar, uma eloquencia rigorosa e repassada do amor da patria e da humanidade.

Taes são os fervorosos votos, que dou ao céu do fundo d'alma. Praza a Deus, que não sejam um sonho, mas uma realidade; porque assim pagareis a vossos paes os disvélos que empregam na vossa educação e instrucção, a mim os cuidados que ella me merece, e á patria os sacrificios, que faz para alcançar em vós filhos benemeritos, e cidadãos probos e illustrados.

Disse.

HISTORIA E CAUSA DA DECADENCIA DOS BONS ESTUDOS

ESCRITO INEDITO

DE

Antonio Nunes Ribeiro Sanches

Carta ao Ill.^{mo} Monsenhor Salema

Ill.^{mo} Sr.

Quando Vossa Illustrissima foi servido communicar-me o alvará sôbre a reforma dos estudos que Sua Magestade Fidellissima foi servido decretar no mez de Julho passado, e juntamente as instituições para os professores de grammatica latina, etc., logo determinei manifestar a Vossa Illustrissima o grande alvoroço que me causou a leal disposição sôbre a educação da mocidade portugueza; mas, embaraçado com alguma dependencia que então me inquietava, e com a saúde mui quebrantada ao mesmo tempo, não pude satisfazer logo o meu desejo, não só aplaudindo o util d'esta lei, mas tambem renovando os mais ardentes votos pela vida e conservação de Sua Magestade, que com o seu paternal amor cuida tão eficazmente no augmento, como tambem na gloria dos seus amantes e fieis subditos.

Esta lei, Ill.^{mo} Sr., incitou o meu animo, ainda que pelos achaques abtido, a revolver no pensamento o que tinha ajuntado da minha leitura sôbre a educação civil e politica da mocidade destinada a servir a sua patria, tanto no tempo da paz, como no da guerra. Ninguem conhece melhor a importancia d'esta materia, que V. Ill.^{ma}, e n'esta consideração é que determino pa-

tentear-lhe não só uma succinta historia da educação civil e politica, que tiveram os christãos catholicos romanos até os nossos tempos, mas tambem uma noticia das universidades, com a utilidade ou inconvenientes, que d'ellas resultaram ao estado civil e politico, e á religião. Espero que será do agrado de V. Ill.^{ma} que me occupe n'esta indagação pôr algum tempo, e que admirará, depois de servido lê-la, a admiravel providencia de Sua Magestade Fidelissima, expressada n'este alvará que venho de lêr novamente. Verá Vossa Ill.^{ma} que não temos inveja aos imperadores Theodosio, Antonio Pio, ou a Carlos Magno; porque, ainda que todas as monarchias e républicas decretaram leis para reger-se a educação da mocidade, não li até agora que soberano algum destruisse abusos da errada, e que em seu lugar decretasse a mais commendavel. Mostrarei pelo discurso d'este papel que toda a educação que tem a mocidade portugueza, desde que no reino se fundaram as escolas e universidades, foi meramente ecclesiastica, ou conforme os dictames dos ecclesiasticos, e que todo o seu fim foi, ou para conservar o estado ecclesiastico, ou para augmental-o.

Sómente Sua Magestade Fidelissima foi o primeiro entre os seus augustos predecessores, que tomou a si aquelle *jus* da magestade de ordenar, que os seus subditos aprendam de tal modo, que o ensino publico possa utilizar os seus dilatados dominios.

Só este grande Rei conheceu, que, como a alma governa os movimentos de todo o corpo para conserval-o, assim elle, como alma e intelligencia superior do seu Estado, era obrigado promover a sua conservação e o seu augmento, por aquelles meios que concebeu mais adequados.

Aquelle benignissimo alvará nos dá a conhecer que só a educação da mocidade, como deve ser, é o mais effectivo e o mais necessario. Porque Sua Magestade, que Deus guarde, com alta providencia considera que Lhe são necessarios capitaes para a despeza, conselheiros doutos e experimentados, como tambem juizes, justiçaes, administradores das rendas reaes, e mais que tudo, na situação em que está hoje a Europa, embaixadores, e ministros publicos que conservem a harmonia que necessitam os seus Estados. Esta educação não seria completa se ficasse sómente dedicada á mocidade nobre: Sua Magestade, tendo ordenado as escolas publicas nas cabeças das comarcas, quer que n'ellas se instruem aquelles que hão de ser mercadores, directores das fabricas, architectos de mar e terra, e que se introduzam as artes e sciencias.

Á vista do referido permitta-me V. Ill.^{ma} que satisfaça aquelle ardente desejo, que conservei sempre, ainda tão distante e por tantos annos longe de Portugal, de servil-o do modo que posso, ou que penso lhe será d'alguma utilidade. Nem a ambição de sair do meu estado, nem a cobiça de fazel-o mais commodo, me obriga a occupar aquelle pouco tempo que me deixam os acha-

ques, em ajuntar n'este papel tudo aquillo que tem connexão com o alvará que V. Ill.^{ma} foi servido ultimamente communicar-me.

É sómente aquelle ardente zêlo, é sómente aquelle amor da patria, que V. Ill.^{ma} accendeu de novo em mim, pelo seu claro e penetrante entendimento tão judiciosamente cultivado pela sua clemencia, pela sua piedade, e por aquelle ardor de promovêr tudo para maior felicidade da nossa patria: que satisfação que tenho n'este instante! que louvo estas virtudes tão raras nos nossos dias, sem a minima adulação, e sem o minimo interesse servil. ||

Aquelles portuguezes, que vivem pela piedade de V. Ill.^{ma}, e todos não só confirmariam o pouco que digo, mas augmentariam de tal modo o que agora calo, que temeria eu ficasse offendida aquella modestia e aquella inimitavel afabilidade com que V. Ill.^{ma} sabe render os nossos corações.

(Continúa)

o PHILOSOPHO DE TRAPEIRA

LIVRO I (a)

O Doutor Anselmo Sanches

I

Aqui verás, Guzman, lo que es la honra,
pues a estos la dan.

MATEO ALEMAN (*G. de Alfarache*).

⊙ homem honesto é um typo indigena do Porto.

Em toda a parte do mundo sublunar a *honestidade* é synonymo de «decoro, compostura, pejo, e decencia.» No Porto, *honestidade* vem a dizer «hypocrisia velhaca.»

Homem honesto, aqui, é o que logra imbaír a opinião pública; recatar a impudencia discreta com o exterior sisudo da catadura; accentuar a expressão no tom sentencioso do preceito, contar com a mobilidade do globo visual para o revirar ao céu, quando o animo se contrista com a noticia do escandalo; franzir os beiços e avincar a testa se é forçoso chancellar com voto comminativo a pena de alguma immoralidade a retalho.

Eu conheci alguns homens honestos no Porto. Custou-me muito. Venci estorvos desanimadores para os ver ao pé. Foi mister iniciar-me nos arcanos reconditos da deshonestidade para entrar no segredo de certas existencias que, d'antes, me pareciam bem-fadadas da virtude, ou dotadas de compleição refractaria ao vicio. Quando me avistei com elles na mesma zona, senti-me corrompido até ao nôjo, escorria-me do coração verminoso o pús tábido das cha-

(a) Vem do n.º 1.

gas; dei como impossivel o regenerar-me deante do meu proprio senso-intimo: estava, ou devia estar perdido, porque julguei necessaria á vida a hypocrisia cynica.

É que, sem ter descido as escaleiras todas da protervia e do opprobrio, não se devassa o latibulo em que se incovam os *homens honestos*. A corrupção periodica das almas, impestadas pelo exemplo ou induzidas pelo instincto, não tem que ver com a corrupção por grosso que a ástucia ou o acaso vos depara lá no secreto da cabilda d'esses beduinos, salteadores da honra alheia, e nojentissimos farcistas da sua.

Como eu lá fui cair de precipicio em precipicio, e pude, velhaco e refalsado como os honestos, estampar de cada cara um sudario, é isso uma façanha, um ardil heroico, uma ancia de vingar-me, que a sociedade certamente me não agradece, porque ha ahi n'essa tentativa bem prosperada muita paixão má, muitas cumplidades que se não confessam com despejo, e, mais que tudo, a estricta negação da caridade, que indulta e cala.

Perdoar...

Perdoaram-me elles, por ventura? Foi-lhes mordança a conscieneia, quando assoalhavam as minhas leviandades, calumniando-as até ao crime?

Respeitaram elles a virtude do silencio com que eu quizera captar a sua misericordia, não já para mim, que a desprezava como ignominia, mas para alguma devotada martyr que pozesse hombros á minha cruz?

O mundo é pessimo; ha, porém, providencia n'esta pessima organização.

A hora certa, salta d'entre as flôres da vida, colhidas por mão descuidosa, a vibora que a morde. Não ha felicidade completa para a verdadeira honra; menos a haverá para a falsa. A virtude, com quanto escudada por si propria, é vulneravel, porque se dóe aos golpes da injustiça. Ora, a hypocrisia, estribada na manha e na fraudulencia, ha de, em dezaire da justiça de Deus, rebater illesa os tiros da indignação? É impossivel. Embora o látégo não verbere uma fibra sensível á deshonra nas espadas do pharizeu abroquellado pela impostura; embora a satyra recue espavorida d'essas almas impermeaveis á vergonha, é preciso que se escreva um livro, ou se delinêem os traços d'esse livro, o unico, o urgente, o possivel, o capitalissimo para o Porto.

Cansei-me de ouvir dizer que a segunda cidade de Portugal é um enxame de moedeiros, de contrabandistas, de mercadores de negros, de exportadores de escravos, e de magistrados de alquilaria. Venalidade, crueza, e latrocinio são os tres eixos capitaes sôbre que roda, no intender da critica mordente, o machinismo social d'estas cem mil almas.

A analyse aprofunda mais o espirito vital do Porto.

Aqui o viver intimo tem faces desconhecidas ao olho da policia, e da economia social. Conhecem-se as librés do chatim de negros; discrimina-se pelo

brasão o fabricante de notas falsas do outro seu collega heraldico, opulentado em roubos ao fisco; ignora-se, todavia, o mais observavel e ponderoso da biographia d'esses vultos que a fortuna collocou á frente dos costumes e da civilisação portuense.

Que é do espirito de observação dos escriptores do Porto? Que testemunho dá de sua isempção a intelligencia, se acaso no Porto existe a intelligencia que sacode os sapatos na testeira da riqueza brutal e ignominiosa?

Pueril pergunta; mas a resposta é atrozmente vergonhosa.

O jornalismo do Porto está acorrentado ás ucharias dos ricos. O jornalista, por via de regra, é um pobre homem que vive do estipendio cobrado com franciscana humildade, em cada trimestre, á porta do assignante. Para os festins do fidalgo de raça era chamado o versista com as consoantes prévias do soneto na algibeira, onde não havia outra coisa. Nos jantares tumultentos do fidalgo de industria, ha um talher para o gazeteiro, que deixou já na estante do typo a *local* summarenta, inspirada pelo antegosto das viandas que lhe arrasam na torrente a alma para o estomago.

Excepções miraculosas alguma vez fulgiram e se apagaram, como a luz do relampago, na historia jornalística do Porto.

Havia ahi uma forte alma e audaciosa intelligencia, que levou a mão á mascara d'alguns para lhes estampar o ferrete na testa.

O jornal brioso, que se attrevêra a tanto, expirou á mingoa de subscriptores, porque os affrontados por elle iam, de porta em porta, mandar uns, e pedir a outros que retirassem as moedas de cobre á receita do escriptor que as não pedia.

O heroico moço, rodeado de inimigos, e até ameaçado na vida, cruzou os braços descorçoado, e disse: «É impossivel! Eu cuidei que teria por mim os incorruptos; mas a peste não respeitou consciencia alguma.»

N'um paiz, em que o governo atalaiasse os interesses do estado, e o renome honrado da cidade, esse jornal seria sustentado a expensas do thesouro; esse jornalista seria accrescentado em bens e honras; esses réprobos, indignados pelo orgão da voz pública, seriam, por sua mesma honra e dos poderes que os nobilitaram, obrigados a refutarem a detracção, ou a despirem nas praças os arminhos que escondem o pescoço á corda de esparto.

Dôces e nobres chimeras!

O jornalista austero será sempre um ente malsinado e odioso para todos os governos. Hão de expulsal-o sempre do sacrario pulluto das mercês, onde reina o ladrão laureado, que tem o segredo de abater ministros erguidos, e exaltar ministros despenhados.

Que outro homem ha ahi que se aventure a entrar na trilha do outro que esmoreceu diante das «conveniencias?» Serei eu, porque, entre mim e o

Porto, ha duas mil legoas de ar livre. Tentei-o lá, mas não sei que prestigioso terror me incutia o proprio attrevimento d'esse feito!

Ha não sei que n'aquella athmosphera!

II

... Je pardonne aisément
 Vos petits tours et vos petits caprices,
 Vos doux refus, vos charmans artifices,
 Mais j'avouerai qu'il est de certains cas,
 De certains goûts que je n'excuse pas.

VOLTAIRE (P. d'Orleans.)

Incontrei, ha hoje dez annos, uma mulher, que devêra ter sido formosa, incostada, quasi amparada ao braço de seu marido. Trinta e quatro annos teria, ou menos; mas os vincos da velhice prematura denunciavam quarenta annos ou mais. Lá estava o brilho dos olhos para desmentir a falsa denuncia das rugas, brilho talvez embaciado de lagrimas, mas ainda vivido como o clarão do crepusculo, quando uma barra de purpura e ouro tinge a orla do céu occidental. De feito, era aquella uma vida em crepusculo da tarde: já tudo para alem-tumulo era escuridade e pavor para a triste senhora.

Por esses tempos, era eu moço de coração, de phantasia, e sonhava, e poetisava, e carpia, exaggerando-as, as dores alheias; empenhava-me em descortinar segredos de magoas recatadas; imaginava-me dotado de tanta sensibilidade e condão de consolar que, se acontecia approximar-me de pessoa soffredora, a minha maior gloria e alegria era enchugar-lhe as lagrimas, com não sei que expressões de alivio, esquecidas hoje.

Incommodei, por isso, alguns amigos para me proporcionarem ensejo de ser conhecido de D. Rita Emilia. Á uma diziam-me todos: «É difficil a apresentação. Desde certa época, parou a vida social da mulher que mais concorrêra para tirar o Porto da lethargia em que o encontrava, quando aqui chegou, vinda do Brazil.»

Cazada com um portuguez dos raros que o dinheiro lapidou, a brazileira, depois de viajar e permanecer nas primeiras capitaes da Europa, accedêra á patriótica vontade de seu marido, que almejava por estabelecer-se no Porto, onde, creança, apprendêra os rudimentos do commercio.

O gosto, aliado á opulencia, conseguiu estimular invejas, caprichos, ciumes, e odios até, na sociedade portuense. De todas estas más paixões surdiu um bom resultado: augmentou o numero dos bailes, entraram em competencia as

equipagens, inriqueceram as modistas, accudiram os jornalistas a fazer acta, qual d'ellas mais incommistida, dos bailes requintados em luxo e profusão; o Porto, enfim, poliu-se mais em dois annos do que nos nove seculos de vida que lhe dá a mythologia, vulgarmente chamada historia portugueza.

Na vespera d'um baile de Rita Emilia de Sousa, os convidados receberam d'ella aviso de que a subita doença do sr. Francisco José de Sousa, seu marido, a impedia de receber a honra que os seus hospedes tanta vez lhe haviam prodigalisado.

Correram amigos e indifferentes a visitar o enfermo: os que a amizade aproximava do leito, achavam-no prostrado, silencioso, e desamparado dos carinhos da consorte. Perguntavam por ella, queriam consolal-a da passageira doença do marido, mas a brazileira não recebia sequer as intimas amigas.

Grande mysterio, grande borborinho, a curiosidade em ancias, a maledicencia espionando, a calunnia imaginosa a segredar por praças e salas e bofetequins desaforadas conjecturas. Por fim, a difamação andou, ás cegas, explicando por modos varios a enfermidade moral de Francisco José de Sousa, e a ausencia mysteriosa de Rita.

Dias depois, quinze, se bem me lembro, fecharam-se portas e janelas da casa do brazileiro, e os criados, quasi todos despedidos, disseram que seus amos tinham ido viajar.

Aqui é que a curiosidade ía dando um estouro. Houve ahi bisbilhoteira illustre que se incanzinou de raiva por não poder esquadrinhar o segredo d'esta saída, que, por força, devia ter, fosse elle qual fosse, um escandalo por causa.

Havia n'esta casa uma menina de dezoito annos, orfã, herdeira rica, pupilla do brazileiro, e filha d'outro que morrêra no Rio quando fôra liquidar os seus haveres.

Marianna acompanhára-os na mysteriosa saída do Porto; soube-se alli, porém, que, ao passarem em Braga, a orfã entrára nas Ursulinas, contra sua vontade, de certo, porque partia o coração vél-a chorar e soluçar nos braços de Rita, que não lhe dava uma lagrima.

Respirou um pouco a maledicencia. Já os arpeus da hypothese achavam duro onde morder. Accordam, pois, em conciliabulo algumas familias honestas, que Marianna fôra encontrada em flagrante desprezo do seu pudor, e, por isso, inclausurada no mosteiro bracharense.

Toda a gente se ía ter com o doutor Anselmo Sanches para evidenciar a conjectura.

Anselmo Sanches era um amigo intimo da casa, pertencia ao conselho de familia da orfã, curava dos negocios litigiosos do brazileiro, e exercia sôbre esta familia o ascendente que o dono da casa delegára n'elle, com a confiança que não tinha em si proprio.

O doutor, n'essa época, teria trinta e oito annos. Era havido em conta de homem exemplar para todas as qualidades boas, excepto para a de saber jurisprudencia, em que era admiravelmente ignorante. Isso, porém, não lhe damnificava o bom conceito. Os seus muitos admiradores, se não lhe confiavam uma causa importante, indemnizavam-no confiando-lhe mulheres, filhas, e—o que é mais no Porto—o dinheiro!

Tinha o doutor Sanches uma cara felicissima para captar a benevolencia. Era tão vulgarmente arranjado o todo das feições com que a natureza o fizera n'um bocejo de preguiça, que a descripção é impossivel sem o lapis picaresco de Gavarni. Nunca fechava a bocca o bom do homem. O queixo inferior, sempre caído, servia-o nas occasiões em que precisava mostrar-se attento, escutando no celebrado *Palheiro* da Assembléa-portuense os escandalos que os oradores encartados d'este seminario de calumnias espectoravam do fundo do peito, onde a asthma senil desafogava pela detracção injuriosa.

Anselmo tinha os beiços engatilhados para uma visagem pávida, sempre que o escandalo denunciado victimava alguma mulher casada; se o escandalo excitava as gargalhadas gosmentas dos collegas, o doutor cascalhava uma risada secca.

Não consentia elle, porém, que se erguesse uma voz a desculpar immoralidades, se raro succedia haver um ou outro confrade que, por armar a disputa, indulgenciava fraquezas adstrictas á verdura dos annos.

Era para ver-se como o inexoravel Sanches se assanhava em raiventas invectivas contra Pedro, que passava diariamente duas vezes em tal rua para inquietar a moça incauta. Chegava a chorar no auge do pathetico que prodigamente consumia descrevendo as funestas sahidas da seducção. Menos perdoaria a Martinho, que, impudico, sacrilego, e diffamador, ousava ir todos os dias sanctificados á missa do meio dia aos Congregados para ver pelas costas a mulher do seu visinho Januariario, depois de ter perdido a reputação da mulher do seu amigo Timotheo. E depois contava miudamente o como se haviam desacreditado as mulheres dos seus amigos, e havia risadas, e sabia-se o que até ali se ignorava.

Uma hora depois, se lhe pediam alguma novidade, o doutor respondia que não só se abstinha de indagar a vida alheia; mas até quizera, se podesse, cerrar ouvidos ás historias torpes, que todos os dias germinavam da corrupção do corpo social.

Havia socio do palheiro, que ria á sucapa da tóla virtude do doutor.

Os proprios mestres da calumnia, amigos de acidularem a maledicencia sem chiste, confessavam uns aos outros que a probidade de Anselmo Sanches ultrapassava as raias da natureza humana, segundo o palheiro.

Esta confissão, porém, faziam-na fóra da possilga em que se attascavam

todas as noites; porque, lá dentro, chegaram a suspeitar que o amigo intimo do brasileiro Silva não professava desvergonha sufficiente para ser cathologado no numero dos *homens honestos*.

Francisco José de Sousa presava no doutor o que muitos chamam sobejidão de escrupulos. Parecia-lhe, a elle brasileiro, villan e torpe a incessante detracção em que intretinham os serãos algumas dezenas de velhos, de cuja lingua a palavra licenciosa dos bordeis sahia mais nojenta e repulsiva do que ella mesma era em si. Anselmo Sanches, para não cair no desagrado d'aquelles que astutamente apodava, dizia que o mal não era a satyra, mas sim a desmoralisação que a authorisava. Excusando os velhos, accrescentava que as cans eram um pouco intolerantes, mas inoffensivas.

Por este ligeiro esbôço trace o leitor na sua opulenta imaginação o amigo familiar de Francisco José de Sousa, e vá já d'aqui sympathisando com elle, para que se não diga que a virtude é mal vista como a verdade nua.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

ALCYONA

ROMANCE

CAPITULO II

Ustamos em pleno café-Guichard.—Batem sete horas da noite, d'uma d'aquellas frigidissimas noites do asperrimo dezembro de 1850. Por todas estas mezas despovoadas nem uma alma viva. Não vem n'isto grande espanto; mas é que nem um corpo ao longo d'esses desamparados bancos! Além áquelle recanto mal se enxerga apenas um vulto disforme, uma cousa roliça, um embrulho terminado em cima por um tubo negro, como se o espirito sovina do locandeiro o houvera de proposito assentado ahi, por anteparo á syncope do desalento, que o tomava sempre em occasiões, felizmente raras, de tão horrorosa solidão. E seria? Não era. Aquelle vulto, aquella coisa, vista de perto, exhibia ao observador escrupuloso o chapéo, o paletot-sac e o challe immenso de Julio de Mendonça.

Fôra algumas vezes motivo de enguiço para a intelligencia de muitos o decifrar a natureza do capricho que obrigava o mancebo portuense a insular-se alli dos que com elle concorriam debaixo do mesmo tecto. Entrado n'aquella casa era certo o vél-o encolher-se logo debaixo d'aquellas moles de panno, silencioso e timido como a creança que se não affoita a tartamudear uma palavra quando acorda n'uma sala ás escuras, onde a esqueceram adormecida. Julio, dous minutos depois, nem sabia explicar-se o por que alli viera parar, nem tão pouco refazer-se dos medos, que lhe inspirava o perpassar continuo de tantas sombras repulsivas no ambiente escuro d'aquelle recinto. O café-Guichard quando mais gente tem, de ordinario mais ás escuras está.

Julio de Mendonça tinha ao lado uma garrafa, onde o ar atmosphérico ia tomando o lugar ao cognac, uma concha de charutos, e defronte um jornal, que elle havia já virado e revirado trinta vezes, incapaz de subordinar o seu espirito desinquietao aos profundos conceitos d'um publicista pellitrapo, que uns fados esquerdos haviam trazido para os estabulos da imprensa politica. Agora porém, um pouco mais socegado, Julio tentava domesticar o seu genio traquinas, lendo com séria reflexão duas locaes. A primeira annunciava á Europa, que o sr. commendador José Solla caíra d'um cavallo abaixo e deslocara um pé. A segunda proclamava ao mundo litterario o talento gigantesco do menino mais velho do sr. conde d'Arões, que em tão verdes annos fizera, com exito prospero, os seus exames de latim e francez. Julio, para não açular a molestia, ia tomando o remedio pouco a pouco.

— Amanhã passarei ao artigo de fundo, dizia elle, se me achar com forças. Convem prevêr as recaídas.

E dizendo isto deixava outra vez o papel, inclinava-se no braço esquerdo, escondia os dedos por uma madeixa dos seus bastos cabellos, e, victima paciente do aborrimto em que tudo aquillo lhe apertava o espirito, Julio tinha o cynismo de não responder uma palavra aos pituitosos *cabelleiras* que tregeitavam hypocritas momices para stygmatisarem a indecencia do janota.

E affeiçoado o corpo n'um commodo desleixo sôbre aquella syrtes ambulante com que o corpo mal lhe podia em pé, o meu heroe dava assim uns ares de odalisca, vaidosamente repotreada em flacido cochim. Nos páramos da critica lôrpa, que um dia o encontrára d'esse modo, rebentou *mirabile dictu!* um tortulho! Á uma conchavaram os sandeus que aquillo era um escandalo, um *estroina*, um bigorriilha!

Da porta do bilhar surdiram dois elegantes. Um d'elles, a nata dos parvos se não fossem tantos a requestar-lhe os fóros da primazia, diz em tom cávo e solemne:

—Vê aquelle rapaz, sr. Augusto de Sousa?

—Vejo, sr. Eduardo de Magalhães.

—Que lhe parece d'aquella cara? torna o inxovêdo, enviezando profeticamente o olho direito.

—Absolutamente nada. Além de não ser phisionomista, diz-me a experiencia que n'este mundo todas as caras são boas. Tenho visto bonitos perfis collados a cabeças oucas, e vice-versa. Porque me pergunta isso, sr. Magalhães?

O interrogado não entendêra bem as phrases incisivas de Augusto de Sousa, e menos ainda colhêra para si a ironia que tão bem lhe assentava na belleza do rosto e na chateza do espirito, coizas estas que em poucas horas apenas de relação havia já pesado de sobejo o seu interlocutor; mas, descarregando a consciencia d'uma dúvida impertinente, retrucou:

—Pois engana-se redondamente! Aquillo é um tólo. Tem uma excellente fortuna e vive com toda a gente. A sua mania é conversar com os velhos e com algum rapaz, que lhe fale lá d'uns livros que elle lê. É muito atrevido, mas ninguem lhe dá importância. Cá eu, por exemplo, e os rapazes da minha roda, sofremos-lhe ás vezes grandes descomposturas, mas deixamol-o. Elle tem muito dinheiro, dá-nos de vez em quando bellos jantares, e por isso... quer o senhor disfructal-o?

Augusto de Sousa, que recolhia de cada uma d'estas palavras um nobre elogio para Julio de Mendonça, respondeu:

Parece-me até conveniente uma apresentação n'este momento. Não era isso o que me propunha, cavalheiro?

—Exactamente, titubeou o asno.

—E não me disse ha pouco que precisava de procurar em casa, não sei de que modista, umas grinaldas para alguém de sua familia?

—É verdade. Venha.

Augusto de Sousa e Magalhães encaminharam-se para a mesa onde estava Julio.

—Meu caro Mendonça, disse Magalhães estendendo-lhe a mão, radiante de estolida parvoice, tenho a honra de apresentar-te o sr. Augusto de Sousa, que desde esta manhã é nosso patricio.

—Era muito para admirar a circumspecta seriedade das duas victimas.

—Sr. Augusto de Sousa.

—Sr. Julio de Mendonça.

—Peço-te que lhe faças companhia em quanto eu vou a casa da Elisa procurar umas coisas e uns enfeites (o homem tinha os enfeites na conta de pessoas). A proposito, vae ao baile?

—A qual baile?

—A qual baile? Ora se tu não has de saber que ha hoje uma excellente reunião em casa do visconde de Ranhados.

—Não sei, realmente não sei.

—Não lhe dizia eu, sr. Augusto de Sousa, que o nosso amigo Julio anda sempre com a cabeça na lua?

—Ao contrario de ti, que trazes a lua na cabeça.

—Nem ao menos, pela falta de gente aqui n'esta casa, concluias isso?

—Confesso que é maravilhoso.

—E nem sequer te allucinava de prazer a realisação d'esse desejo, que tantas vezes tens revelado, de te vêr só e solitariamente nas salas d'este edificio?

Magalhães limpou duas bagas de suor que lhe reviam na testa desde que as sandices lhe começaram aos pinotes no cerebro, bacorejou uma apostrophe